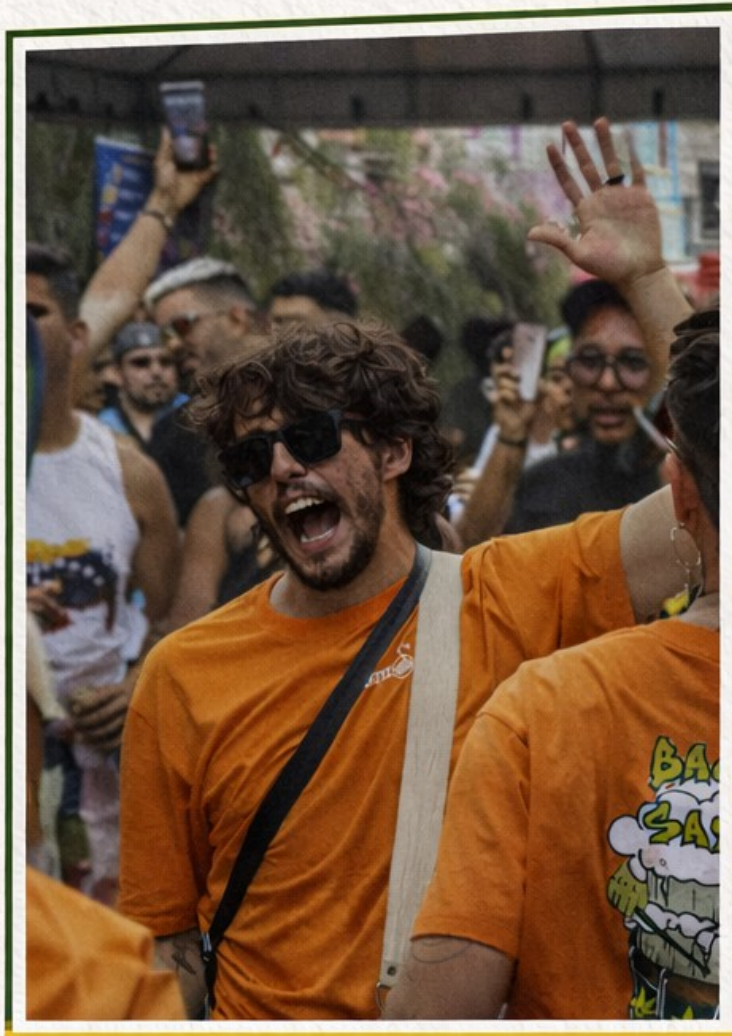


A PERCUSSÃO POPULAR COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

Sistematização da Experiência do Bloco Sativa no Carnaval de 2026 em Goiânia.



Rosana Schmidt

FUNDAÇÃO OSVALDO CRUZ
ESCOLA DE GOVERNO DA FIOCRUZ
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE – NÚCLEO ANGICOS

Rosana Schmidt

A Percussão Popular como Prática de Educação Popular em Saúde:
Sistematização da Experiência do Bloco Sativa no Carnaval de 2026 em
Goiânia.

BRASÍLIA
2026



FUNDAÇÃO OSVALDO CRUZ
ESCOLA DE GOVERNO DA FIOCRUZ
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE – NÚCLEO ANGICOS

Rosana Schmidt

A Percussão Popular como Prática de Educação Popular em Saúde:
Sistematização da Experiência do Bloco Sativa no Carnaval de 2026 em
Goiânia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Educação Popular em Saúde – Núcleo Angicos, na Escola de Governo da Fiocruz, como requisito da Especialização em Educação Popular em Saúde para a obtenção do título de Especialista em Educação Popular em Saúde.

Áreas de concentração: Educação Popular em Saúde e Antropologia Contemporânea.

Linhas de Pesquisa: Formação, comunicação, produção de conhecimento; Intersetorialidade e diálogos multiculturais; Cuidado em Saúde; Participação, Controle Social e Gestão Participativa.

Orientadora: Professora Doutora Denise Osório Severo.

BRASÍLIA

2026



Folha de Aprovação: contém a data de aprovação e as assinaturas da banca examinadora.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e à Escola de Governo, pela oportunidade de cursar a Especialização em Educação Popular em Saúde e pelo compromisso com o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS).

Ao Núcleo de Educação Popular em Saúde – Núcleo Angicos, pelo acolhimento e pela construção de um espaço de aprendizado pautado na práxis freiriana e na participação popular.

À minha orientadora, Doutora Denise Osório Severo, pela paciência, pelas valiosas contribuições teóricas e pelo incentivo fundamental para a sistematização desta experiência. Aos integrantes e colaboradores do Baque Sativa, em Goiânia, cuja energia, percussão e compromisso social tornaram possível a vivência aqui relatada. Este trabalho é, acima de tudo, um reflexo da nossa construção coletiva no Carnaval de 2026.

À coordenação do curso e aos professores que, ao longo de doze meses, articularam com maestria os tempos de escola e comunidade, ampliando nossos horizontes sobre a Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS-SUS).

Aos meus colegas de especialização, pelas trocas de saberes e pelo apoio mútuo durante os desafios da formação.

Aos meus familiares e amigos, que compreenderam as ausências e ofereceram o suporte emocional necessário para a conclusão deste ciclo acadêmico.

À população que acessa o SUS, razão maior do nosso empenho em buscar uma saúde pública mais democrática, humana e popular.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Identidade visual e convocação para o Carnareggae 2026	24
Figura 2 – Registro de ensaios abertos e mobilização na Praça Universitária	26
Figura 3 – Divulgação da lojinha oficial: estratégia de autogestão financeira	39
Figura 4 – Registro histórico: a Redução de Danos na pauta do Bloco Sativa	47
Figura 5 – Produção coletiva durante a construção do Carnareggae 2026	52
Figura 6 – Interação e engajamento: o "esquenta" para o Carnaval	56
Figura 7 – Cronograma oficial e estratégia de comunicação digital	59
Figura 8 – Card de integração entre Baque Sativa e cena Reggae	61
Figura 9 – Cenografia e territorialização: estandartes no palco do Beco da Codorna	62
Figura 10 – Culminância do evento: Redução de Danos no Beco da Codorna	63
Figura 11 – Prática de Redução de Danos e material informativo	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estrutura Organizativa e Dimensões de Atuação do Projeto Sativa	31
Quadro 2 – Tipologia, Eixos Temáticos dos Coletivos da Liga de Blocos e Políticas Públicas Associadas	34
Quadro 3 – Categorização Temática dos Blocos e Manifestações Culturais Urbanas	41
Quadro 4 – Matriz de Impacto Sociossanitário do Bloco Sativa	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CRJ – Centro de Referência da Juventude

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e demais orientações e identidades

PCD – Pessoa com Deficiência

PNEPS-SUS – Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde

RD – Redução de Danos

SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

SANEAGO – Saneamento de Goiás S.A.

SENAD – Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas

SUS – Sistema Único de Saúde

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UBS – Unidade Básica de Saúde

UEE – União Estadual dos Estudantes

UFG – Universidade Federal de Goiás

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



RESUMO

O presente trabalho apresenta a sistematização da experiência vivenciada com o Bloco Sativa durante o Carnaval de 2026, em Goiânia, sob a ótica da Educação Popular em Saúde. A investigação surge no contexto do curso de Especialização em Educação Popular em Saúde, promovido pela Escola de Governo da Fiocruz em parceria com o Núcleo Angicos. O objetivo central é analisar como a percussão popular e as manifestações culturais carnavalescas podem atuar como dispositivos de promoção da saúde e participação social, fundamentando-se na práxis freiriana e nas diretrizes da Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS-SUS). A metodologia pautou-se na observação participante e na articulação entre o tempo de escola e comunidade, permitindo uma reflexão crítica sobre o potencial das expressões artísticas no fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS). Os resultados parciais indicam que a prática percussiva coletiva fomenta o protagonismo popular, a territorialidade e a criação de redes de cuidado não convencionais, essenciais para uma saúde pública democrática e humanizada. Conclui-se que o Carnaval, enquanto espaço de resistência e cultura, oferece ferramentas potentes para a educação em saúde, aproximando saberes acadêmicos e populares em benefício da cidadania.

Palavras-chave: Educação Popular em Saúde. Percussão Popular. Carnaval. Práxis Freiriana. PNEPS-SUS.



ABSTRACT

This study presents the systematization of the experience lived with the Baque Sativa during the 2026 Carnival in Goiânia, through the lens of Popular Health Education. The investigation emerges within the context of the Specialization course in Popular Health Education, promoted by the Fiocruz School of Government in partnership with the Angicos Nucleus. The main objective is to analyze how popular percussion and carnival cultural manifestations can act as devices for health promotion and social participation, based on Freirean praxis and the guidelines of the National Policy of Popular Health Education (PNEPS-SUS). The methodology was based on participant observation and the articulation between school-time and community-time, allowing for a critical reflection on the role of artistic expressions in strengthening the Unified Health System (SUS). Partial results indicate that collective percussive practice fosters popular protagonism, territoriality, and the creation of unconventional care networks, which are essential for a democratic, humane, and popular public health. It is concluded that Carnival, as a space of resistance and culture, offers powerful tools for health education, bringing together academic and popular knowledge for the benefit of citizenship.

Keywords: Popular Health Education. Popular Percussion. Carnival. Freirean Praxis. PNEPS-SUS.



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
OBJETIVO GERAL.....	10
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
2. O CAMPO DA ANTROPOLOGIA E O CONCEITO DE CULTURA.....	11
3. PERCURSO METODOLÓGICO: AS DIMENSÕES DO BLOCO SATIVA.....	22
3.1 As Dimensões do Bloco Sativa	26
3.1.1 Frentes de Ação do Bloco Sativa e o Envolvimento no Território.....	29
3.2 Coletivos de Cultura e Percussão Popular em Goiânia.....	31
3.3 Percussão como Dispositivo de Cuidado.....	33
3.3.1 Conexão com a PNEPS-SUS (Portaria 2.761/2013).....	34
3.4 A Percussão como Território de Resistência: O Carnaval de Rua em 2026.....	37
4. SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DO BLOCO SATIVA NO CARNAVAL DE GOIÂNIA (2026).....	43
4.1 Descrição do Processo Vivenciado.....	44
4.2. Figuras de Resultado.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	68
APÊNDICES.....	71
Apêndice A – Carta a Paulo Freire.....	71

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresenta a sistematização da experiência do Bloco Sativa durante o Carnaval de 2026 em Goiânia (GO). Esta pesquisa, situada na interseção entre a Educação Popular em Saúde (EPS) e a Antropologia Contemporânea, investiga como as manifestações culturais de rua e a percussão popular atuam como potentes dispositivos pedagógicos e de cuidado coletivo no cenário urbano.

O Bloco Sativa emerge como uma resposta artista às tensões territoriais e sociais no centro da capital goiana, pautando a Redução de Danos (RD), a Luta Antimanicomial e Antiproibicionista, e a ocupação soberana do espaço público. A sistematização aqui proposta não se limita ao relato de um evento festivo; busca-se, através de uma postura reflexiva, extrair aprendizados críticos de uma práxis que une o ritmo à política de saúde, transformando o "fazer" em um objeto de conhecimento científico e social.

No âmbito da especialização promovida pela Escola de Governo da Fiocruz, o trabalho fundamenta-se na metodologia de Oscar Jara Holliday (1996), que propõe a reconstrução histórica e a interpretação crítica da vivência para a produção de novos saberes. O percurso metodológico permitiu organizar a memória do processo, analisando as contradições, os conflitos territoriais e as potencialidades sob a ótica do Bem Viver.

Para conferir densidade e clareza a esta investigação, o trabalho está estruturado em quatro capítulos principais:

- Capítulo 2 – A Espiral do Conhecimento Antropológico: estabelece o referencial teórico em Antropologia, discutindo a evolução dos conceitos de cultura e as dinâmicas de poder que atravessam as práticas sociais contemporâneas, com foco na resistência cultural.
- Capítulo 3 – Percurso Metodológico: detalha a adoção da Sistematização de Experiências como método, descrevendo as ferramentas de interação (grupos digitais e encontros presenciais) e os critérios de registro das atividades no território e : analisa o marco legal e teórico da Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS-SUS) e a estratégia de Redução de Danos como pilar de cidadania e autonomia sobre o próprio corpo.
- Capítulo 4 – Sistematização da Experiência e Considerações Finais: apresenta a análise crítica da trajetória do Carnareggae 2026, integrando os eixos de logística, ativismo e saúde, expondo as lições aprendidas para o fortalecimento de tecnologias sociais de cuidado em liberdade.

O trabalho utiliza registros visuais como parte da "documentação performativa".

Ao final, este estudo pretende contribuir para o debate sobre o Direito à Saúde Mental, Direito à Cultura e Direito à Cidade, bem como consolidar práticas de saúde que reconheçam a alegria e a cultura popular como ferramentas indispensáveis para a transformação social e decolonial.

Desse modo, segue os objetivos deste trabalho:

OBJETIVO GERAL:

Refletir sobre a percussão popular como prática de educação popular em saúde, a partir da sistematização da experiência de construção do Carnareggae Bloco Sativa 2026.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- a) Sistematizar a experiência do Baque Sativa durante a construção do Carnareggae Bloco Sativa 2026.
- b) Discutir as convergências e desafios da percussão popular com os princípios da PNEPS.
- c) Analisar as relações entre a práxis do Bloco Sativa e as práticas de cuidado no campo da saúde mental.

2 O CAMPO DA ANTROPOLOGIA E O CONCEITO DE CULTURA

O processo de construção do conhecimento antropológico pode ser compreendido como o caminhar em uma espiral no tempo e no espaço, onde cada novo paradigma e experiência proporcionam saltos e *insights* que impedem o retorno ao ponto de origem, ampliando a compreensão sobre a realidade social. O intuito desta seção é realizar uma breve reflexão antropológica sobre os conceitos de cultura e poder, partindo do ponto de vista clássico até as perspectivas contemporâneas, tais como a marxista, pós-colonial, pós-estruturalista e a virada ontológica.

Historicamente, a Antropologia nasceu sob a égide do colonialismo europeu, tratando a cultura inicialmente como uma ferramenta de dominação e evolução unilinear. No entanto, ao longo do século XX e XXI, esse conceito estático foi tensionado por diversas vertentes — do particularismo histórico ao estruturalismo e marxismo —, revelando que a cultura não é apenas um conjunto de tradições, mas uma lente de estudo do poder.

Na contemporaneidade, a disciplina enfrenta uma "crise de representação", impulsionada pela ascensão de teorias pós-coloniais e pela chamada "virada ontológica". Esse movimento busca descolonizar o saber, reconhecendo a agência de sujeitos tradicionalmente subalternizados e propondo uma Antropologia que não apenas descreve o mundo, mas que pensa com ele para abrir novas possibilidades de existência.

É nesse cenário de busca por justiça e transformação que a Antropologia converge com a Educação Popular. Através da obra de Carlos Rodrigues Brandão, observa-se que a educação e a cultura são ferramentas indissociáveis para a transformação social, onde a cultura deixa de ser apenas folclore para se tornar um projeto político de libertação. Essa interface encontra seu alicerce definitivo no pensamento de Paulo Freire, cuja pedagogia propõe a superação da "educação bancária" em favor da dialogicidade e da conscientização.

Portanto, este referencial teórico propõe articular a trajetória da cultura na Antropologia com a práxis freiriana. O objetivo é demonstrar que a educação, enquanto fenômeno cultural presente em todos os espaços sociais deve capacitar o indivíduo a transitar de objeto a sujeito da história, unindo o rigor ético à construção da autonomia e à resistência contra as estruturas de dominação e hegemonia. Essa necessidade de resistência justifica-se pelo fato de que a própria gênese do conceito de cultura na Antropologia esteve, inicialmente, atrelada a projetos de poder.

A Antropologia constituiu-se como campo profissional na segunda metade do século XIX, sob a égide do colonialismo moderno e do capitalismo industrial. Nesse contexto, a

cultura da razão ocidental serviu como ferramenta de dominação. Sob um clima intelectual evolucionista e eurocêntrico, a cultura era vista como um percurso unilinear de estágios fixos, estabelecendo a dicotomia entre o "primitivo" e o "civilizado" (FRAZER, 1978; MORGAN, 2005; TYLOR, 1871).

No início do século XX, novos saltos teóricos surgiram. O Particularismo Histórico de Franz Boas (2005) introduziu o relativismo cultural, combatendo o racismo ao demonstrar que a diferença reside no âmbito social, e não na genética. Boas inseriu a noção de tempo e história no entendimento das culturas específicas, influenciando gerações de antropólogos ao pensar a cultura como modeladora do temperamento humano.

Simultaneamente, a escola britânica desenvolveu o Funcionalismo. Radcliffe-Brown desvinculou a Antropologia da História em favor de uma abordagem sincrônica, onde a função sustenta a estrutura e a coesão social. Bronislaw Malinowski (1978), por sua vez, inaugurou o método da observação participante, inserindo a subjetividade do antropólogo no diário de campo e percebendo a cultura como um todo integrado para satisfazer necessidades humanas básicas.

A partir da década de 1960, ocorre uma mudança de paradigma voltada para a práxis. A Cultura é definida como prática, ideologia e mecanismos de poder. Sherry Ortner (2011) propõe que o sistema e a prática interagem através da cultura e da dominação. Para a autora, o sistema configura a prática pelo controle cultural (a mecânica do poder foucaultiana), enquanto a prática modela o sistema pela reprodução ou transformação de normas. Mais recentemente, Ortner (2016) aponta para uma "Antropologia Sombria", focada na desigualdade e precarização sob a ordem neoliberal, em contraposição às "Antropologias do Bem", voltadas à ética e à felicidade.

Nessa mesma linha crítica, autores como Eric Wolf (1998) e Gustavo Lins Ribeiro (2003) questionam visões "românticas" da cultura. Para eles, a cultura é matéria-prima da construção ideológica e ferramenta de dominação. O poder é percebido em instâncias que vão desde o atributo pessoal até a estrutura que orchestra a distribuição de fluxos de energia social. Ribeiro (2005) propõe uma "Antropologia Crítica da Antropologia", reconhecendo que os sistemas de poder estão em transformação com a emergência de novos agentes, tais como intelectuais negros e indígenas.

A crise de representação na Antropologia hegemônica impulsionou o surgimento dos Estudos Culturais e do Pós-Colonialismo. Do ponto de vista das perspectivas pós-coloniais e

da crise de representação na Antropologia, autores tais como Edward Said (2007) são fundamentais para a reflexão simétrica, por analisar como o "Orientalismo" serviu como estratégia ocidental de dominação e construção de identidade. Nesse sentido, o debate pós-colonial busca descolonizar o conhecimento e entender a realidade pela lente da interculturalidade.

Nestor García Canclini (2013) complementa essa discussão ao analisar a modernidade latino-americana através da "hibridação" e dos cruzamentos socioculturais. A práxis pós-colonial revela-se nos movimentos sociais e na construção de plataformas de inclusão que questionam os universalismos abstratos da modernidade em favor de narrativas subalternas e contextos nacionais específicos (OLIVEIRA, 2006).

Para abordar o futuro do ofício de antropólogo, o salto mais recente na espiral antropológica é a "virada ontológica", uma resposta à crise de alteridade. Autores como Eduardo Viveiros de Castro (2018) propõem uma revolução na prática etnográfica através do Perspectivismo Ameríndio. Aqui, a etnografia não é apenas um método, mas uma tradução cultural onde o pensamento indígena possui agência e oferece alternativas ontológicas ao pensamento ocidental.

Tim Ingold (2012) reforça que a Antropologia é mais do que conhecer o mundo; é pensar com o mundo. O fazer antropológico assemelha-se ao artesanato intelectual, onde não há divisão entre trabalho e vida. Entretanto, como aponta Fonseca (2004), o ofício enfrenta desafios no mercado de trabalho e nas instâncias governamentais, exigindo uma autovigilância ética constante.

Como afirma Kabengele Munanga (2013), a Antropologia contemporânea deve encarar o desafio de revisar não apenas seus materiais etnográficos, mas suas próprias bases epistemológicas. A trajetória da disciplina, portanto, não se fecha; ela continua a expandir-se na espiral, buscando novas formas de diálogo horizontal e multicêntrico em uma era de globalização intensa. Essa práxis tem sido evidente na atualidade a partir da produção de intelectuais indígenas e negros.

No ensaio "A Educação como Cultura - Relato de Memórias", o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1985) funde relatos pessoais, reflexões antropológicas e a história da Educação Popular no Brasil. O autor explora a transição de sua identidade de militante e educador para a de antropólogo, defendendo que a cultura e a educação são ferramentas fundamentais para a transformação social. Os principais pontos abordados incluem as

diferentes perspectivas sobre Educação; a Cultura Popular como projeto político; a influência de Paulo Freire; a definição de Cultura; o legado e a atualidade sobre o assunto.

Através de fragmentos de memórias, Brandão (1985) apresenta visões contrastantes de educação. Cita a recusa de indígenas norte-americanos à escola dos brancos por considerarem que ela tornava os seus jovens "inúteis" para a vida na floresta e a fala de um lavrador mineiro, "Ciço", que diferencia a educação da escola (que "muda gente em doutor") da educação da roça (aprendida no trabalho e na convivência). O autor descreve o surgimento dos Movimentos de Cultura Popular, tais como o Movimento de Cultura Popular – MCP e o Movimento de Educação de Base – MEB nos anos 60. Nesses contextos, a cultura era vista como uma "arma" ideológica e política para a libertação das classes oprimidas, e não apenas como folclore ou tradição. O antropólogo destaca o método de alfabetização de Paulo Freire, que colocava o educando como "criador de cultura". Logo, o processo educativo partia de "palavras geradoras" e da reflexão crítica sobre a realidade do povo para promover a conscientização.

Brandão (1985) reflete sobre a sua própria trajetória, a partir de uma visão marxista e cristã de esquerda, onde a cultura era um instrumento de luta (Cultura Popular com iniciais maiúsculas), para uma visão antropológica, onde a cultura é entendida como uma teia complexa de significados e símbolos (cultura popular com iniciais minúsculas). O autor reafirma que, apesar de muitas ideias dos anos 60 estarem esquecidas, elas continuam vivas em práticas contemporâneas, como nos assentamentos do MST, onde a educação e a cultura seguem integradas à formação política e social.

Para o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, os conceitos de cultura e poder estão intrinsecamente ligados a uma perspectiva histórica e política da educação popular, especialmente no contexto dos movimentos sociais da década de 1960. O autor apresenta a cultura sob dois prismas principais que marcaram sua trajetória: a “Cultura como Criação Humana”, definida como tudo o que o homem agrega à natureza por meio de sua ação e trabalho. É o que transforma o animal humano em ser humano e sujeito da história. O outro prisma é o da Cultura Popular com iniciais maiúsculas como referência às teias de significados, símbolos e saberes cotidianos de um povo.

Nesse sentido, Cultura Popular refere-se a um projeto político e militante que visa utilizar a cultura como ferramenta de conscientização e transformação social. Assim, o autor descreve sobre a Cultura como "Alma", e a define como uma visão antropológica que a vê como uma teia complexa de símbolos e significados nunca inteiramente decifrável.

Onde o poder é discutido principalmente através da relação de dominação entre diferentes classes sociais, a Cultura é definida como "Arma". Para os militantes dos anos 60, a cultura era entendida como um instrumento de poder e mando.

A Cultura pode ser uma "arma" de dominação (hegemonia e dominação simbólica) ou uma "arma" de libertação (insurgência). O texto descreve como a cultura erudita/dominante exerce poder sobre a cultura popular, colonizando-a e bloqueando manifestações que possam expressar uma consciência de classe autônoma. Quando os elementos da cultura (ideias, valores, técnicas) tornam-se posse exclusiva de um grupo ou classe, a cultura passa a ser um instrumento de poder que nega o caráter humano universal, tornando-se alienante. Logo, o saber popular é visto como algo que, quando organizado e conscientizado, permite ao povo "pronunciar o nome das coisas" para transformar as estruturas de poder vigentes.

Brandão (1985) argumenta que a cultura é sempre conjuntural e determinada por estruturas de poder de uma formação social. Assim, a cultura popular em uma sociedade desigual é, por definição, uma cultura subalterna. O objetivo dos movimentos de Educação Popular era transformar essa condição de "objeto" em "sujeito da história", unindo saber e luta política para romper com a dominação hegemônica. A obra é ideal para fundamentar discussões sobre como o conhecimento não é apenas escolar, mas um processo de formação humana e política, e sugere uma relação entre Antropologia, Educação Popular e Cultura.

Nesse sentido, temos a Educação como um fenômeno cultural, pois acontece em todos os espaços sociais, e não apenas na escola. A distinção entre "educação" (processo amplo) e "escolarização" (institucional). O autor se tornou uma referência para abordar a democratização da cultura ou movimentos sociais, porque distingue a cultura como "tradição" da cultura como "projeto político". A passagem da "cultura popular" (folclore/cotidiano) para a "Cultura Popular" (consciência crítica). O texto detalha como a antropologia pode ser uma "questão política" e é útil para trabalhos sobre metodologias de ensino ou pesquisa-ação, em diálogo entre o educador/pesquisador e a comunidade.

A Educação Popular de Paulo Freire, expressa nas obras a "Pedagogia do Oprimido" e a "Pedagogia da Autonomia", se compreendida como uma prática antropológica articula cultura, autonomia e o processo de conscientização como ferramentas de transformação social. Logo, a Cultura se torna um fenômeno de poder e libertação; a necessidade de dialogicidade promove reflexão sobre a "Educação Bancária"; há construção de autonomia e rigor ético, assim como a promoção da práxis através da reflexão e da ação sobre o mundo.

Isso significa que a cultura não é apenas um conjunto de tradições, mas um projeto político e um processo de formação humana. Além disso, numa sociedade desigual, a cultura popular é frequentemente vista como subalterna devido às estruturas de poder vigentes. Por isso, o objetivo da educação e da reflexão antropológica deve ser transformar a condição do indivíduo de "objeto" para "sujeito da história", unindo o saber à luta política. No processo de tomada de consciência, a prática da "invasão cultural" significa a imposição de conteúdo e "síntese cultural" propõe que os atores cheguem ao mundo popular, não como invasores, mas para conhecê-lo criticamente com o povo.

De acordo com Paulo Freire (2005), a superação da opressão exige uma mudança na forma como o conhecimento é partilhado. Nesse sentido, é preciso refletir sobre a “Educação Bancária” enquanto instrumento de opressão onde o educador deposita informações em educandas/os passivas/os, tratando-os como "vasilhas" ou "coisas". Isso se dá através da dialogicidade, aqui entendida como a essência da educação como prática da liberdade. O diálogo não é apenas uma técnica, mas uma exigência existencial. Não há diálogo verdadeiro se não houver um "pensar crítico" que reconheça a solidariedade entre o mundo e os homens. Há uma libertação a partir da comunhão.

Outro ponto importante que conecta a Educação Popular à prática antropológica é a construção da autonomia e o rigor ético que envolve esta construção. A autonomia não é um evento isolado, mas um processo contínuo de "vir a ser". Logo, ensinar não é transferir conhecimento; o papel do educador é criar as possibilidades para a produção ou construção do conhecimento pelo próprio estudante. Além disso, a curiosidade epistemológica significa a promoção da ingenuidade para a criticidade, que não acontece automaticamente; exige o desenvolvimento de uma curiosidade "indócil" e investigativa diante do mundo. Logo, a prática educativa deve ser inseparável da ética e da beleza (estética) da decência. Ensinar exige o respeito aos saberes dos educandos e a rejeição a qualquer forma de discriminação.

Este referencial amarra-se no conceito de Práxis, que é a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Com isso, a conscientização é definida como o processo de "desvelar" o mundo da opressão. Quanto mais as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora, mais se inserem nela criticamente. Portanto, o conteúdo programático da educação deve ser buscado dialogicamente com o povo, utilizando "temas geradores" extraídos da sua realidade concreta. A educação, sob a ótica freiriana, é um fenômeno cultural que ocorre em todos os espaços sociais (não apenas na escola) e a antropologia fornece as

ferramentas para compreender como essas relações de cultura e poder moldam a identidade e a autonomia do sujeito. A autonomia é vista como processo.

A pedagogia da autonomia significa o “vir a ser” do sujeito da história. O objetivo final do processo educativo é a construção da autonomia do sujeito. Então, a autonomia não é algo que se recebe, mas um “vir a ser” constante, um amadurecimento do ser para si. E ensinar não é transferir, uma vez que exige o respeito aos saberes dos educandos e a criação de possibilidades para a produção do seu próprio conhecimento. Assim, a prática docente, tal como a prática antropológica, é pautada pelo rigor metódico, pela pesquisa e, sobretudo por uma ética universal que rejeita qualquer forma de discriminação. A práxis é o fio condutor desta prática, que demonstra que a teoria antropológica (Cultura e Poder) se materializa na prática educativa através do diálogo que resulta na autonomia do sujeito.

Para Paulo Freire, a educação não é apenas uma técnica de ensino, mas uma “prática antropológica profunda”, pois se fundamenta na própria natureza do ser humano e no seu processo de “ser mais”. O ser humano constitui e conquista a sua própria forma historicamente, “a pedagogia faz-se antropologia”. Esse processo de “hominização” não é apenas biológico, mas histórico. A educação reproduz o movimento dialético da produção do homem por si mesmo; produzir-se é conquistar sua forma humana. Ao contrário do crescimento espontâneo dos vegetais ou do adestramento animal, a educação humana participa da ambiguidade da condição humana e projeta-se na recriação contínua do mundo.

Na perspectiva freiriana, o conceito antropológico de Cultura envolve a compreensão do homem enquanto criador e a cultura como liberdade. Nos seus “Círculos de Cultura”, Freire utiliza o conceito antropológico de cultura para que o educando se reconheça como criador de cultura. Um exemplo citado é o de um camponês que, ao discutir esse conceito, descobre que “não há mundo sem homem”, pois faltaria a consciência para nomeá-lo como tal. Assim, a cultura é vista como o resultado do trabalho humano e da sua capacidade de transformar a natureza, o que permite ao oprimido perceber que ele também é um produtor de conhecimento e não apenas um objeto da história.

A educabilidade humana radica na consciência da nossa própria inconclusão/incompletude. Como somos seres “inacabados”, estamos em permanente movimento de busca, o que torna a educação uma exigência da nossa condição vital. Nesse sentido, o distanciamento crítico enquanto prática antropológica da educação envolve a capacidade do homem de se distanciar das coisas (objetivá-las) para entendê-las e transformá-las, em vez de apenas se adaptar a elas.

A educação tem como objetivo a "vocação ontológica" do homem de ser sujeito de sua própria história, e o método de Freire é um "humanismo pedagógico" onde alfabetizar significa conscientizar. Ao dizer a sua própria palavra, o homem assume a sua condição humana essencial e instaura um mundo onde se humaniza. Em suma, para Freire, a educação é antropológica porque lida com a essência do que nos torna humanos: a capacidade de intervir no mundo, de dar sentido à realidade e de se construir permanentemente através da práxis (reflexão e ação).

Em suma, a trajetória percorrida por este referencial teórico demonstra que a Antropologia e a Educação Popular não são campos isolados, mas sim dimensões complementares de um mesmo projeto de emancipação humana. Ao compreendermos a cultura não como um inventário estático de costumes, mas como uma ferramenta de poder, resistência e libertação, abrimos caminho para uma prática intelectual que é, acima de tudo, ética e política.

A convergência entre a "virada ontológica" na Antropologia e a pedagogia freiriana revela pontos fundamentais para a construção de um saber descolonizado. Assim como a Antropologia contemporânea busca "pensar com" o mundo em vez de apenas "sobre" ele, a Educação Popular rejeita a concepção "bancária" que trata o educando como uma vasilha passiva. Ambos os campos convergem na necessidade de reconhecer o outro como sujeito da história.

Soma-se a isto a ideia de que a transição da "cultura popular" (como folclore) para a "Cultura Popular" (com iniciais maiúsculas) reflete o entendimento de que a identidade e os saberes cotidianos são instrumentos de conscientização e transformação social. Logo, o conceito de Práxis — a união inseparável entre reflexão e ação — é o que amarra este referencial. Ele exige que o antropólogo e o educador atuem no "desvelar" das estruturas de opressão para permitir que os grupos subalternizados pronunciem o seu próprio mundo.

Outro ponto importante é que o combate ao "provincianismo metropolitano" na ciência encontra eco na dialogicidade freiriana. Ambos propõem trocas mais horizontais e multicêntricas, onde o conhecimento é construído em comunhão, mediatizado pela realidade concreta.

Conclui-se que fazer Antropologia à luz de Paulo Freire é assumir um compromisso com a autonomia do sujeito. É entender que o "artesanato intelectual" do pesquisador só ganha sentido pleno quando contribui para que a curiosidade ingênua se torne curiosidade

epistemológica, transformando a realidade objetiva em um campo de possibilidades para o "vir a ser".

A relação deste referencial com a práxis freiriana é profunda e estruturante, pois ambos partem do princípio de que o conhecimento não é um acúmulo de informações, mas um movimento de transformação do sujeito e da realidade. Essa convergência pode ser percebida na articulação dos conceitos antropológicos aqui apresentados com os pilares da Educação Popular. A metáfora da espiral — onde cada salto impede o retorno ao ponto de origem — traduz o conceito freireano de Conscientização. Na Antropologia, o "insight" teórico expande a compreensão sobre o poder e a cultura. Para Paulo Freire, a educação é um processo circular-ascendente (ação-reflexão-ação). Uma vez que o sujeito "lê o mundo" e compreende as estruturas de dominação "tramas de cultura e poder", ele não pode mais voltar à "consciência ingênua".

A mencionada transição da Antropologia colonial para uma Antropologia que "pensa com" o mundo significa que a Antropologia clássica, ao descrever o "outro", exercia uma forma de educação bancária, onde o antropólogo "depositava" interpretações sobre o nativo. A "virada ontológica" e o reconhecimento da agência indígena dialogam diretamente com a Dialogicidade freiriana. Ensinar e pesquisar passam a ser atos horizontais, onde o "objeto" da pesquisa/educação se torna Sujeito da História.

A Cultura pode ser projeto político e ideologia. A cultura, para autores como Eric Wolf e o próprio Freire, deixa de ser "folclore" ou algo estático para ser "ideologia em produção". Na Educação Popular, a cultura é o terreno da luta. A práxis freiriana utiliza a cultura do educando (seus temas geradores) para desvelar as relações de poder. Na Antropologia Crítica, a cultura é uma "ferramenta de estudo do poder", essa compreensão aproxima a disciplina da missão da Educação Popular, que é oferecer instrumentos para que as classes subalternas compreendam como a hegemonia é construída e como podem resistir a ela.

Por fim, o Perspectivismo Ameríndio de Viveiros de Castro (2015) toca em um ponto central de Paulo Freire: a ideia de que o ser humano é inacabado. Logo, se para os povos ameríndios "conhecer é subjetivar" (transformar o objeto em sujeito), para Freire, a educação é o processo de humanização. Além disso, a experiência de "tornar-se outro" e a construção social do corpo/pessoa refletem a busca freiriana pelo "ser mais". A Antropologia e a Educação Popular convergem no esforço de criar mundos onde múltiplas formas de existência sejam validadas (pluriverso).

Síntese da Relação

Conceito	Correspondente na Práxis Freiriana
Espiral do Conhecimento	Processo Dialético (Ação-Reflexão-Ação)
Crise de Representação	Crítica à Invasão Cultural / Educação Bancária
Virada Ontológica / "Pensar com"	Diálogo de Saberes e Horizontalidade
Cultura como Ferramenta de Poder	Educação como Ato Político e Libertador
Sujeito Inacabado / Fabricação da Pessoa	Ontologia do Inacabamento Humano

Esta reflexão demonstra que a Antropologia Contemporânea e a Educação Popular em Saúde (PNEPS-SUS) bebem da mesma fonte: a necessidade de descolonizar o olhar. Enquanto a Antropologia fornece a lente crítica para entender como o poder molda a cultura, a práxis freiriana fornece o método (o diálogo e a educação) para transformar essa compreensão em ação emancipatória no território.

A relação deste referencial teórico com a Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS-SUS) é intrínseca, pois ambos se fundamentam na desconstrução de relações de poder hegemônicas para a promoção da autonomia dos sujeitos. A metáfora da espiral — que pressupõe saltos, crises e novas abstrações — dialoga diretamente com o princípio do Diálogo de Saberes da PNEPS-SUS. Neste referencial, o conhecimento antropológico evolui ao tensionar conceitos e reconhecer novas ontologias. Na PNEPS-SUS, a saúde não é um saber puramente técnico/médico (unilinear), mas resulta do encontro entre o saber científico e o saber popular. Esse encontro gera uma "espiral" onde ambos os saberes se transformam para produzir cuidado.

A educação deve capacitar o indivíduo a transitar de objeto a sujeito. Este é o coração da Práxis Freiriana e um objetivo central da Educação Popular em Saúde. No modelo biomédico tradicional (análogo à "educação bancária"), o paciente é um objeto de intervenção. A PNEPS-SUS busca o Protagonismo Popular, onde os usuários do sistema deixam de ser receptores passivos para se tornarem sujeitos ativos na gestão da própria saúde e no controle social do SUS.

Ainda, a Cultura é Ferramenta de Libertação e Equidade. Brandão (2015) e Freire (2005) afirmam que a cultura é um "projeto político de libertação". Na PNEPS-SUS, este

conceito fundamenta o princípio da Equidade. Reconhecer a cultura (incluindo a espiritualidade, a ancestralidade e as artes) é essencial para garantir o direito à saúde de populações historicamente marginalizadas (negros, indígenas, quilombolas). Ao criticar a "Antropologia Sombria" e o poder estrutural que dificulta comportamentos, o referencial teórico reforça a necessidade de políticas públicas que combatam o racismo institucional e outras formas de opressão no território.

A discussão acerca da "virada ontológica" como um pensar "com" o mundo e não apenas "sobre" ele se traduz no princípio da Territorialidade. Fazer saúde pública "com" o território significa reconhecer as cosmologias e modos de vida locais (como a fabricação da pessoa e a corporalidade ameríndia) como partes integrantes do processo de cura e bem-estar.

A crítica de Munanga (2013) e Ribeiro (2003;2017) às "Antropologias periféricas" e ao "provincianismo metropolitano" encontra eco na luta da Educação Popular contra a colonização do saber na saúde. A PNEPS-SUS é, por essência, um esforço de descolonização do cuidado. Ela propõe que as práticas de saúde sejam horizontais e "multicêntricas", valorizando as "outras antropologias" (e outras medicinas/saberes) que emergem das bases populares.

Essa base epistemológica é necessária para que a prática na Educação Popular em Saúde não seja apenas técnica, mas sim um ato político. A articulação entre a trajetória da cultura na Antropologia e a PNEPS-SUS garante que o trabalho de campo, tal como o que realizamos junto ao Baque Sativa, na construção do Carnareggae Bloco Sativa, seja lido como um exercício de emancipação e resistência contra as estruturas de dominação que também adoecem a população.

3 PERCURSO METODOLÓGICO: AS DIMENSÕES DO BLOCO SATIVA

Este trabalho fundamenta-se na Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS-SUS), oficializada pela Portaria nº 2.761/2013, e no Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas (2014). A metodologia adotada é a Sistematização de Experiências, conforme proposta por Oscar Jara (1996), que busca a criação participativa de conhecimentos teórico-práticos, para a transformação da realidade.

O percurso metodológico apoia-se na práxis freiriana e nos princípios de territorialidade, protagonismo e participação popular. O enfoque da pesquisa reside na dialogicidade, na amorosidade, na conscientização e na construção do conhecimento a partir da realidade concreta. A intenção é transcender o caráter documental dos relatórios, transformando a experiência vivida em conhecimento estruturante para a agência dos sujeitos.

A investigação busca responder se a cultura popular, manifestada através da percussão, pode ser inserida no SUS como prática de Educação Popular em Saúde. O foco da sistematização é a construção do Carnareggae 2026 do Bloco Sativa, realizado pelo grupo de percussão Baque Sativa e o Coletivo 420, visibilizando a percussão popular como ferramenta de promoção da saúde mental e Redução de Danos.

O estudo percorre o território da percussão popular em Goiânia-GO, destacando:

- Contexto Histórico: A influência da Associação Coró de Pau e do Mestre Alemão, detentor de saberes tradicionais e referência na formação voluntária de percussionistas desde 2003.
- O Grupo: O Grupo de Percussão Baque Sativa e o Bloco Sativa, de surgimento recente (2023), que levanta a bandeira antiproibicionista.
- Os Agentes: Coletivo 420, grupo de percussão popular Baque Sativa, com ênfase na figura das/os Mestres/regentes/líderes/ “puxadores” de blocos de percussão popular, sujeitos fundamentais cujo trabalho cotidiano e muitas vezes invisibilizado contribui para o cuidado coletivo e a resiliência comunitária.

A coleta de dados e a recuperação do vivido ocorreram entre janeiro e fevereiro de 2026, utilizando as seguintes ferramentas:

1. **Observação Participante:** Participação direta nos ensaios de ritmos afro-brasileiros (samba, maracatu, samba reggae, samba afro, baião, ciranda, frevo, etc.), apresentações e reuniões de planejamento estratégico.
2. **Registros Digitais:** Acompanhamento das interações diárias no grupo de WhatsApp e das postagens e reflexões no Instagram do Coletivo 420.

3. Documentação Institucional: Inclusão dos relatórios produzidos ao longo da Especialização em Educação Popular em Saúde (Fiocruz/Escola de Governo).

A análise baseia-se na reconstrução histórica, ordenação e interpretação crítica dos processos vividos.

Inicialmente, a proposta consistia em abordar o potencial da prática da percussão popular na promoção da saúde mental sob a perspectiva de uma “puxadora” na ala dos tambores, prática que realizei de modo contínuo em 2024 no Bloco Desencuca (bloco de percussão da saúde mental em Goiânia – GO do qual participo desde 2017). No entanto, surgiu a necessidade de visibilizar outros blocos de percussão popular dos quais participo, agora sob a ótica de integrante do grupo de percussão Baque Sativa, na ala dos tambores do Bloco Sativa, e como membro do Coletivo 420. Essa experiência com o som do tambor possibilitou a realização deste estudo. Logo, tornou-se vital dar visibilidade às ações do coletivo na construção do Carnaval do Bloco Sativa (Carnareggae), dado o seu surgimento recente e sua atuação na bandeira antiproibicionista desde 2023.

A construção do Carnareggae do Bloco Sativa 2026 priorizou os diálogos, as trocas de saberes e a construção de uma identidade socioterritorial com abordagem popular. Somadas aos relatórios produzidos para esta Especialização, as reuniões de planejamento estratégico, tanto *on-line* quanto presenciais, permitiram a sistematização das experiências junto ao coletivo, evidenciando os desafios e as potências identificados ao longo do processo. Uma parte dos dados foi coletada por meio de interação nas plataformas digitais: os integrantes articulam-se diariamente em grupos de mensagens e antes ou após os ensaios de percussão ao longo do ano. O processo coletivo de construção do Carnareggae 2026 tornou-se um ato educativo, uma vez que promoveu o protagonismo e a aproximação da percussão popular com o tema da promoção da saúde mental via Redução de Danos.

Figura 1 – Identidade visual e convocação para o Carnareggae 2026



Fonte: Instagram @blocosativa (2026). Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/DTyLPJSEbJr/>. Acesso em: 12 mar. 2026.

Embora eu participe do bloco de percussão desde o seu início, o estudo sistematizou a experiência dialogada com o coletivo entre janeiro e fevereiro de 2026. Os registros incluem o planejamento, as ações e as reflexões realizadas pelo grupo e postadas no perfil do Coletivo 420 no Instagram. O grupo Baque Sativa possui um histórico de formação nas ruas de Goiânia. Assim como eu, a maioria dos membros continua seus aprendizados de modo gratuito por meio da prática junto à Associação Coró de Pau. O Bloco Coró de Pau é referência como a primeira “escola” para a maioria dos integrantes de outros blocos e bandas da cidade, que aprendem com o Mestre Alemão, detentor de conhecimentos tradicionais que envolvem a percussão popular e que desenvolve esse trabalho desde 2003.

A recuperação do processo de construção do Carnaval do Bloco Sativa, isto é, a reconstrução histórica, a ordenação e a classificação das informações, deram-se mediante uma relação dialógica com o grupo. Esta foi estabelecida nos círculos de cultura manifestados em reuniões, nos ensaios de ritmos afro-brasileiros (samba, maracatu, samba-reggae, samba-afro, frevo, funk, ciranda, entre outros) e na interação social na comunidade virtual. O Carnareggae Bloco Sativa 2026 pode ser considerado um Círculo de Cultura em espaço aberto, onde a

leitura do mundo precede a leitura da música, e permite que os percussionistas se percebam como artistas.

A reflexão crítica envolveu o porquê dos acontecimentos e a interpretação de suas causas e efeitos. Os pontos de chegada permitiram ao grupo a formulação de aprendizagens e o compartilhamento de resultados com a comunidade, possibilitando a compreensão das práticas e a superação do ativismo sem reflexão. Desse modo, a partir do compromisso com a práxis freiriana, a experiência analisada focou na organização do Carnaval de 2026. O intuito foi refletir sobre as ações de construção para que o grupo disponha de elementos estruturantes para novas etapas. Também foi possível observar o território da percussão popular e refletir sobre as potências e ameaças envolvidas nesse processo.

Enquanto território de saúde, a Cultura Popular expressa na percussão é coletiva e promove saúde mental, redução de danos, autonomia, cidadania, inclusão e pertencimento. Por isso, ela é considerada um território com potência para a Saúde Pública. A integralidade na saúde se expressa na valorização e no respeito aos saberes provenientes da ancestralidade, da espiritualidade e do cuidado, o que resulta na aquisição de resiliência.

Neste estudo, sistematizar experiências significa reconstruir a história de uma vivência coletiva junto ao Baque Sativa. Durante a construção do Carnareggae 2026, foi possível experimentar as ações e reações do bloco, as situações particulares, as histórias pessoais e o descobrimento de potencialidades. Isso ocorreu a partir de uma reconstrução crítica para análise e interpretação, além da construção de aprendizagens nos eixos da saúde e da cultura.

Uma das justificativas deste estudo refere-se ao incômodo com a invisibilidade do trabalho cotidiano realizado pelas e pelos “puxadores” dos blocos. Esses agentes contribuem para a promoção da saúde mental comunitária por meio do compartilhamento de ritmos afro-brasileiros. Sob este ponto de vista, o trabalho da pessoa “puxadora” é percebido sobretudo nos ensaios, pois é no cotidiano da prática — e não apenas na culminância — que o efeito terapêutico se manifesta. Além disso, observa-se a realização dos ensaios semanais de forma voluntária, mesmo que os integrantes e “puxadores” vivam em situações de vulnerabilidade.

Figura 2 – Registro de ensaios abertos e mobilização na Praça Universitária.



Fonte: Instagram @blocosativa (2026). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DT05dREkvIT/>. Acesso em: 12 mar. 2026.

Essa condição dos trabalhadores da cultura popular expressa uma necessidade de reflexão coletiva. O silenciamento sobre essa prática velada assegura sua continuidade informal; logo, a apropriação institucional nos moldes da Educação Popular em Saúde envolve o reconhecimento dessa realidade no mundo do trabalho e do cuidado coletivo. A necessidade de melhora das experiências transcende a consciência política; ela envolve a troca com pares, a contribuição teórica a partir da prática e a incidência em políticas públicas, resultando em uma prática de Educação Popular transformadora.

3.1 As Dimensões do Bloco Sativa

O ponto de partida se dá com a delimitação do objeto desta sistematização, a recuperação do processo se dá com a contextualização teórica e política e a análise crítica se dá com a compreensão da percussão popular como um dispositivo artístico que se caracteriza como prática de Educação Popular em Saúde, capaz de promover a saúde mental e fortalecer as políticas de redução de danos.

O Carnaval brasileiro é, historicamente, um território de disputa simbólica, no qual a alegria e o ritmo servem como ferramentas de crítica social e afirmação de identidades. Nesse

cenário, o Bloco Sativa emergiu nas ruas de Goiânia, em 2023, não apenas como manifestação festiva, mas como o braço artístico e mobilizador do grupo de percussão popular Baque Sativa e do Coletivo 420.

Este movimento fundamenta-se no antiproibicionismo e na defesa da legalização da *cannabis*, utilizando a percussão popular como instrumento de ativismo político e cuidado em liberdade. A música e a alegria são os elementos que caracterizam o bloco enquanto movimento social pela transformação da Política sobre Drogas e pelo reconhecimento dos coletivos de percussão popular como formas de ativismo que contribuem com as políticas de redução de danos e a promoção da saúde mental.

A atuação do coletivo está alicerçada nas diretrizes da Saúde Pública e na Estratégia de Redução de Danos (RD). Para sistematizar essa prática, é necessário articular a experiência rítmica aos marcos legais e teóricos:

- Marcos Legais: O documento "Legislação e Políticas Públicas sobre Drogas no Brasil" (2011) e a Lei nº 11.343/2006 detalham a transição para um modelo de responsabilidade compartilhada. A política estrutura-se nos eixos de Redução da Demanda (prevenção e tratamento) e Redução da Oferta (repressão ao tráfico).
- Redução de Danos (RD): Diferente de abordagens repressivas, a RD foca na autonomia e nos direitos humanos, tratando o uso de substâncias como um fenômeno sociocultural.
- A Evolução do Debate (2024-2025): A experiência do bloco é atravessada por mudanças recentes, como a decisão do STF pela descriminalização do porte para uso pessoal (até 40g ou seis plantas fêmeas) e a reação legislativa via PEC 45/2023.

Nesta fase da sistematização, interpretamos as dimensões da prática vivida à luz da teoria de Michel Foucault. A noção de “Governamentalidade” e “Biopolítica” significam que a política sobre drogas é uma forma de “gestão da vida” (biopolítica). O Estado exerce controle sobre a conduta das populações ao decidir quais substâncias são lícitas. O Bloco Sativa, ao ocupar o espaço urbano com o tambor, propõe uma contraconduta, tensionando o paradigma proibicionista marcado pela seletividade punitiva contra jovens negros e periféricos.

Através do olhar sobre o poder do “saber-fazer” popular, podemos compreender que para Machado e Boarini (2013), o modelo de “guerra às drogas” exerce um poder soberano que isola o usuário. Em contrapartida, a prática da percussão é de baixa exigência: respeita a

autonomia e promove ações "de baixo para cima". Aqui, o "detentor do saber popular" torna-se um agente de saúde ao compartilhar informações, reduzir o isolamento social através da arte e ao promover práticas de educação popular em saúde e ativismo¹.

Em relação às dimensões práticas, a análise crítica revela que o Coletivo 420 (fundado em 20 de abril de 2025) opera em múltiplas frentes para garantir a cidadania plena:

- Ativismo e Ciberativismo: Mobilização pela regulamentação e democratização do acesso à *cannabis*.
- Luta Antimanicomial: Defesa de uma sociedade livre de modelos asilares, promovendo o protagonismo de pessoas em sofrimento mental.
- Redução de Danos e Atenção: Fomento a estratégias que minimizam danos sem exigir a abstinência imediata, e que valorize a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).
- Educação e Pesquisa: Disseminação de conhecimentos científicos sobre usos terapêuticos e industriais (cânhamo), no combate ao estigma e ao pânico moral.

Dentre as lições aprendidas na caracterização das dimensões do Bloco Sativa, essa sistematização demonstra que a percussão popular em Goiânia deixa de ser "apenas música" para se tornar uma estética da alegria ², uma ferramenta terapêutica e uma forma de ativismo.

¹ O ativismo é um neologismo conceitual, e de acordo com Paulo Raposo (2015), que descreve a interação entre a arte e o ativismo, onde a criação artística se torna um ato de resistência e subversão política. O autor, o termo caracteriza-se pelos seguintes pontos centrais: Ruptura e Reivindicação (O ativismo funciona simultaneamente como uma causa social e uma ruptura artística, propondo novos cenários e participação e criação); Estratégias Poéticas e Performativas (Manifesta-se através de intervenções por indivíduos ou coletivos que utilizam linguagens variadas (arte de rua, performances, vídeo-art, *happenings*, entre outras) para expressar pensamento crítico no campo político; Natureza Simbólica e Estética (Suas ações amplificam, sensibilizam e interrogam temas sociais e históricos específicos, visando a mudança ou a desconstrução de poderes estabelecidos); Consciência e Posicionamento: Citando Sandoval e Latorre, Raposo refere que o ativismo exige não apenas uma vontade estética, mas um modo de consciência e um posicionamento político no mundo). Dimensão Digital e Viral (O autor destaca que o ativismo contemporâneo encontra no mundo digital um território para se tornar viral e construir um "arquivo de documentação performativa política" através de redes globais. Em suma, para Raposo, o ativismo busca articular discursos e criar insurgências, permitindo que a arte atue como um mecanismo de intensificação do combate ao espaço de contra-poder.

² No campo do ativismo e das discussões sobre a relação entre arte, festa e política, o conceito de estética da alegria é frequentemente associado ao pensamento de Arlindo Machado, que utiliza o termo para discutir manifestações culturais brasileiras, especialmente o Carnaval. Para ele, a estética da alegria não é um entretenimento vazio, mas uma forma de resistência cultural e uma afirmação da identidade brasileira frente aos modelos estéticos hegemônicos. É a ideia de que o prazer e a festa podem ser instrumentos de crítica e ocupação política do espaço. Paulo Raposo fundamenta sua análise em Mikhail Bakhtin, que propõe a "carnavalização", através da alegria como subversão, onde o riso e a carnavalização são considerados formas de insurgência e desobediência. Por meio da ocupação na rua, a alegria, no contexto ativista, é uma suspensão das hierarquias sociais e criação de "ecologias alternativas de participação". Na Educação, Paulo Freire defende a "boniteza" e a alegria como partes intrínsecas da prática educativa libertadora. Freire, não há educação transformadora sem a alegria da esperança e da convivência.

O Bloco Sativa devolve a humanidade ao usuário ao transformar o espaço de uso em espaço de cultura. As ações do coletivo estão amparadas constitucionalmente (Art. 1º, 3º, 5º e 196º da CF/88) e nos julgamentos do STF (ADPF 187 e RE 635.659), reafirmando que o debate sobre a legalização é, antes de tudo, um debate sobre Direitos Humanos e Saúde Coletiva.

3.1.1 Frentes de Ação do Bloco Sativa e o Envolvimento no Território

O ponto de partida é a vivência pessoal no Território. Minha experiência inicial com a percussão popular ocorreu em Goiânia, em 2017, durante a construção da minha tese de doutorado em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás. O contato com os blocos Coró Mulher (militância feminista), Coró de Pau (Cultura Popular) e Desencuca (luta antimanicomial) revelou a prática percussiva como uma referência estratégica de promoção da saúde mental, educação popular e ativismo. A partir do efeito terapêutico dessa prática, passei a integrar movimentos sociais onde a percussão atua como ferramenta de resistência, resiliência e cuidado. Portanto, compreendo o "fazer percussivo" como uma potente tecnologia de Educação Popular em Saúde (EPS) e ativismo.

A recuperação do processo traz a trajetória do Bloco Sativa (2023-2026). A sistematização do percurso do Bloco Sativa revela um amadurecimento que vai da mobilização espontânea à governança consolidada. Em 2023 no seu surgimento, o Bloco Sativa nasceu da interseção entre cultura de rua e ativismo pelo Coletivo 420. Inicialmente, participou como convidado em outros blocos, utilizando um repertório popular para difundir mensagens sobre liberdade e cuidado. O grupo Baque Sativa iniciou ensaios semanais no Centro de Referência da Juventude (CRJ) e na Praça Universitária. Em 2024, adquiriu independência quando houve a ampliação do diálogo com pontos de cultura e artistas independentes. Ao desfilar com o Bloco Socialista, o Sativa iniciou seu processo de independência institucional. Em 2025, a consolidação, quando o bloco formalizou sua governança e integrou-se à Liga dos Blocos de Goiânia. A parceria no "Circuito dos Blocos Unidos" permitiu a ocupação simbólica da Rua do Lazer, no Setor Central, com infraestrutura de apoio e estratégias de Redução de Danos (RD). Mais recentemente, em 2026, o horizonte do Bloco Sativa se abre com a construção do Carnareggae no Beco da Codorna, quando projeta uma ocupação cultural independente e autossustentada, reafirmando a ação social antiproibicionista através do *reggae* e da batucada.

A percussão popular é uma ferramenta política e terapêutica que encontra ressonância nos princípios da Educação Popular em Saúde e no conceito de ativismo. Esta afirmação pode ser feita a partir da interpretação crítica desta experiência, uma vez que permite identificar as dimensões que elevam o bloco de uma manifestação festiva a um dispositivo de saúde pública, ancorado na Educação Popular em Saúde e na indissociabilidade entre a arte e a política.

Nesse sentido, as dimensões do cuidado e da Educação Popular se destacam enquanto dimensão individual e coletiva. Na dimensão individual, o ritmo atua como regulador emocional e promotor de saúde mental, assim a prática da percussão popular, por meio do ritmo, pode ser considerada uma Prática Integrativa e Complementar em Saúde (PICS). Na dimensão coletiva, a ocupação de territórios, tais como o Palácio da Cultura, a Praça Universitária, a Rua 8, a Rua do Lazer e o Beco da Codorna combate o isolamento social e constrói redes de apoio de "baixo para cima", conforme os princípios da Redução de Danos.

O antiproibicionismo é convergente com a Política de Redução de Danos - que por sua vez é historicamente construída no âmbito da Saúde Pública, especificamente no escopo da Saúde Mental-, uma vez que a prática do Coletivo 420 fundamenta-se no questionamento da "guerra às drogas", que gera mais danos (violência e estigma) do que o consumo em si. O bloco propõe a transição de um modelo de segurança repressiva para um modelo de Saúde Pública, focado na autonomia individual e na regulação estatal.

Nesse sentido, as tensões jurídicas implicam práticas de resistência. O cenário 2025-2026 é marcado pela dualidade: de um lado, a vitória no STF (descriminalização de até 40g/6 plantas); de outro, a reação conservadora da PEC 45/2023. Nesse contexto, o Carnareggae 2026 não é apenas festa, mas um ato de resistência política contra a criminalização e a "necropolítica", sobretudo se considerado quem são as maiores vítimas de políticas ancoradas na repressão às drogas, a saber: homens jovens negros, habitantes de comunidades periféricas³.

³ O debate sobre segurança pública no Brasil, especialmente no que tange à "Guerra às Drogas", é um dos eixos centrais das análises do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Os dados anuais do Anuário Brasileiro de Segurança Pública e do Atlas da Violência evidenciam que a política de proibicionismo tem um alvo de atuação muito específico. Os pontos fundamentais dessa discussão marcam o perfil das vítimas enquanto um fenômeno social e geracional. Os dados do Fórum demonstram consistentemente que a violência letal no Brasil tem como principais vítimas os jovens negros. Além disso, a seletividade penal indica que a maioria absoluta das vítimas de mortes decorrentes de intervenção policial e de homicídios dolosos são homens, jovens e negros. A desigualdade letal se manifesta enquanto a taxa de homicídios de indivíduos não negros tende a estabilizar ou cair em certos períodos, enquanto em indivíduos negros frequentemente aumenta, o que especialistas chamam de "precarização da vida". Outro ponto fundamental é a Guerra às Drogas como motor da violência. O Fórum analisa que o policiamento focado na repressão ao varejo de drogas nas periferias alimenta um ciclo de violência e encarceramento em massa; a Lei sobre Drogas de 2006 é apontada como um dos principais

Para demonstrar uma matriz de estrutura organizacional, sistematizamos a divisão de funções que garante a sustentabilidade do movimento:

Quadro 1 – Estrutura Organizativa e Dimensões de Atuação do Projeto Sativa

Instância	Função Principal	Território de Atuação
Coletivo 420	Gestão, Jurídico e Ativismo	Institucional e Digital
Baque Sativa	Estudo rítmico e Formação	CRJ e Praças Públicas
Bloco Sativa	Ocupação Urbana e Visibilidade	Ruas de Goiânia (Carnaval)

A trajetória do Bloco Sativa demonstra que a percussão popular retira a pauta da *cannabis* do campo exclusivo da criminalidade e a insere no campo do direito à Saúde e à Cultura. Ao autogerenciar seu cuidado e propor estratégias de RD em grandes eventos, o grupo enfrenta o estigma institucional. Em suma, o Bloco Sativa prova que o "fazer percussivo" é capaz de construir, no presente, um futuro onde a política de drogas seja pautada pelo cuidado e pela ciência, garantindo que o direito à saúde e à Cultura seja preservado.

3.2 Coletivos de Cultura e Percussão Popular em Goiânia

A Cultura Popular Brasileira se expressa, dentre várias de suas expressões, na percussão através do som vibrante dos tambores. Para compreender a história e a militância que motivam os blocos de percussão popular em Goiânia, seria necessário um tempo de investigação mais amplo, dado a diversidade de grupos que manifestam resistência por meio

explosão da população carcerária masculina e jovem, muitas vezes por portar pequenas quantidades de drogas, sem critérios objetivos que diferenciem usuário de traficante. A busca por apreensões e prisões em territórios vulneráveis prioriza o confronto em vez da investigação e inteligência, resultando em altos índices de vitimização policial e de civis (majoritariamente jovens negros). Isso gera um impacto na Saúde Pública. Na perspectiva da Educação Popular em Saúde e da Redução de Danos, essa abordagem de segurança pública funciona como um entrave por meio da estigmatização social, (onde o jovem negro da periferia é lido socialmente como "suspeito padrão", o que dificulta o acesso a serviços de saúde e o exercício da cidadania); e do fraturamento dos vínculos, onde a morte ou o encarceramento desses jovens desestrutura famílias e comunidades, gerando um impacto geracional de trauma e pobreza. Esse é um contexto de opressão contra o qual o ativismo do Bloco Sativa se insurge. Assim, a "Guerra às Drogas" é o cenário de violência, a "Educação Popular em Saúde" e a Redução de Danos são as ferramentas de cuidado, e a percussão e o Carnaval são a alegria que recupera o direito à vida e à cidade para esses mesmos jovens.

de suas bandeiras específicas. Registramos apenas os blocos de percussão popular que dialogam com a perspectiva deste trabalho.

Um panorama dos trinta e oito Blocos de Percussão em Goiânia revela que, ainda que todos os blocos locais defendam a Cultura Popular, existem focos de atuação que os distinguem e os tornam pilares da identidade cultural goiana. Abaixo, cito os principais blocos que praticam a percussão popular ao longo do ano na cidade de Goiânia, os quais expressam práticas de Educação Popular em Saúde e Ativismo.

O Bloco Coró de Pau: referência central na cidade, esta agremiação carnavalesca e projeto cultural atua desde 2003 sob a regência do **Mestre Alemão** (LIMA, 2011; OLIVEIRA, 2015)⁴. O grupo promove a prática voluntária da percussão popular, com foco no ciclo carnavalesco. Sua musicalidade celebra ritmos populares e afro-brasileiros, gerando um impacto social profundo, evidenciado em relatos de pessoas que tiveram suas trajetórias transformadas pelas oficinas de construção de instrumentos e pela educação musical não formal. É amplamente conhecido por seus cortejos e performances de rua.

O Bloco Coró Mulher nasceu no seio da Associação Coró de Pau e é regido/puxado pela **Mestra Geovanna** (SOUZA, 2018), o bloco é formado exclusivamente por mulheres. Desde 2017, atua na valorização da percussão afro-brasileira e no empoderamento feminino. Através de oficinas de canto e tambor, o grupo promove a visibilidade da mulher na cena percussiva local, consolidando uma forte identidade de bateria feminina.

O Batuque de Menina, bloco regido/puxado pela liderança **Amara Pinheiro**, este grupo foca na promoção dos direitos das mulheres em Goiás. Para o coletivo, a percussão é vista como uma Prática Integrativa e Complementar de Saúde (PICS) e como uma ferramenta de militância. Como relata sua liderança: "O nosso intuito é acolher e fortalecer mulheres, pois entendemos que a prática da percussão popular promove saúde mental, cidadania, cultura e união". O grupo realiza ensaios semanais na Praça Universitária, pautando-se pelo combate ao feminicídio e a todas as formas de violência de gênero.

O Bloco Desencuca, que é parte integrante do Coletivo Desencuca, é regido/puxado pela liderança **Amara Pinheiro**, e utiliza a percussão popular como ferramenta na luta antimanicomial. Sua atuação foca na promoção da saúde mental e no combate ao estigma do sofrimento psíquico, defendendo o "cuidado em liberdade". Ocupa espaços públicos para

⁴ A experiência do Bloco Sativa se insere em uma linhagem de ativismo percussivo em Goiânia iniciada pelo **Mestre Alemão**, cujas práticas pedagógicas e culturais são analisadas por Lima (2011) como ferramentas de transformação social.

ensaios e apresentações, especialmente no Dia da Luta Antimanicomial e no Carnaval, transformando o cuidado em ritmo e afeto coletivo.

O Bloco do Caçador, que se caracteriza pela valorização da ancestralidade afro-brasileira e pela formação voluntária de seus participantes, regido/puxado pelo **Mestre Allan Hanneman**. Com ligações tradicionais à Cidade de Goiás (GO), o bloco une tradição e animação popular. Seus ensaios e oficinas buscam promover o pertencimento cultural e a preservação de ritmos que evocam as raízes históricas do povo brasileiro.

O Tambores do Orum, bloco regido pelos líderes **Noel Carvalho e Weiller Jahmaika**. Considerado o primeiro bloco afro de Goiânia, é gerido pelo Orum Aiyê Quilombo Cultural. É um coletivo afrocentrado que promove a resistência negra por meio da percussão, dança e artes circenses. Seus enredos enaltecem a história africana e afro-brasileira, utilizando a arte como ferramenta pedagógica no combate ao racismo estrutural e na afirmação da identidade negra na capital.

O grupo de percussão Baque Sativa é regido/puxado pelos líderes **João Gabriel, Fábio e Débora Nebu**. O grupo ativista organiza o Carnaval de Rua Antiproibicionista de Goiânia denominado Bloco Sativa e outras ações culturais antiproibicionistas, em defesa das minorias e dos direitos humanos – luta antipatriarcal, antimanicomial e anticapitalista. O Bloco Sativa é considerado o primeiro bloco antiproibicionista e antimanicomial de Goiânia. O Bloco é gerido pelo Coletivo 420, uma Associação Cultural Antiproibicionista que organiza grupos, ações, eventos, projetos culturais e frentes de mobilização com base em cultura, educação e redução de danos.

3.3 A Percussão como Dispositivo de Cuidado, Educação Popular e Ativismo

A interseção entre Cultura Popular e Educação Popular em Saúde (EPS) revela que a percussão em Goiânia transcende a esfera artística, configurando-se como uma tecnologia de cuidado e resistência política. Nesse sentido, o Dispositivo de Cuidado está na compreensão de que bater tambor coletivamente é um ato de saúde mental. A prática freiriana de ação-reflexão-ação manifesta-se no cotidiano dos ensaios ao longo do ano, o que gera autonomia e conscientização. A Territorialidade está na compreensão de que o batuque na rua ressignifica o espaço público e promove a "saúde integral" no território habitado, atuando na prevenção antes mesmo do adoecimento. O Inédito Viável está na compreensão de que o diálogo e a humildade vivenciados nos blocos permitem superar "situações-limite", como a violência e a opressão, através da potência da arte. O ativismo se revela no fato de que “bater

tambor”, no caso aqui analisado, é a expressão da indissociabilidade entre a arte e a política, na medida em que constitui um ato político de evocação – por meio da expressão artística – do direito à Saúde Mental, do direito às existências em suas múltiplas escolhas e às potencialidades das artes nas lutas por Direitos Humanos.

3.3.1 Conexão com a PNEPS-SUS (Portaria 2.761/2013)

A análise da prática desses coletivos encontra respaldo direto nos eixos da Política Nacional de Educação Popular em Saúde, tanto pela Cultura de Agência, quanto pela Intersectorialidade ou pela Valorização do Saber Popular. Desse modo, a Cultura de Agência se expressa no reconhecimento dos sujeitos historicamente silenciados (mulheres, negros, usuários da saúde mental) no processo de recuperação de sua voz e seu protagonismo através do ritmo. Por outro lado, a Intersectorialidade se expressa na demonstração da união orgânica entre Saúde, Cultura, Arte e Educação como base para um SUS inclusivo e participativo. Ademais, a Valorização do Saber Popular se expressa no reconhecimento da tradição oral e a ancestralidade como uma ciência transdisciplinar e legítima.

Uma matriz síntese ampliada para estruturar os dados das lideranças e as dimensões de cuidado:

Quadro 2 – Tipologia, Eixos Temáticos dos Coletivos da Liga de Blocos e Políticas Públicas Associadas

Bloco / Coletivo	Liderança / Regência	Bandeira e Foco Principal	Dimensão de Saúde e Impacto Social	Políticas Públicas Associadas
Coró de Pau	Mestre Alemão	Cultura Popular e democratização do ritmo.	Educação musical não formal; transformação de trajetórias individuais e coletivas.	Política Nacional de Educação Popular em Saúde Política de Saúde Mental Política Nacional de Promoção da Saúde Política Nacional sobre Drogas Política Nacional de Práticas Integrativas no SUS
Coró Mulher	Mestra Geovanna	Valorização da mulher na cena percussiva.	Empoderamento feminino e visibilidade da bateria exclusivamente feminina.	Políticas e Diretrizes Nacionais para as Mulheres Política Nacional de Educação Popular em Saúde Política de Saúde Mental Política Nacional de Promoção da Saúde Política Nacional sobre Drogas Política Nacional de Práticas Integrativas no SUS
Batuque de Menina	Amara Pinheiro	Direitos das mulheres e combate à violência de gênero.	Promoção da saúde mental e cidadania; reconhecida como PICS (Prática Integrativa).	Políticas e Diretrizes Nacionais para as Mulheres Política Nacional de Educação Popular em Saúde Política de Saúde Mental

Bloco / Coletivo	Liderança / Regência	Bandeira e Foco Principal	Dimensão de Saúde e Impacto Social	Políticas Públicas Associadas
				Política Nacional de Promoção da Saúde Política Nacional sobre Drogas Política Nacional de Práticas Integrativas no SUS
Desencucula	Amara Pinheiro	Luta antimanicomial e reforma psiquiátrica.	Promoção da saúde mental e combate ao estigma; o "cuidado em liberdade".	Política Nacional de Educação Popular em Saúde Política de Saúde Mental Política Nacional de Promoção da Saúde Política Nacional sobre Drogas Política Nacional de Práticas Integrativas no SUS
Bloco do Caçador	Mestre Allan Hannemann	Ancestralidade e tradições da Cidade de Goiás.	Pertencimento cultural e preservação de raízes históricas e rítmicas.	Plano Nacional de Cultura Política Nacional de Cultura Viva Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial Política Nacional de Educação Popular em Saúde
Tambores do Orum	Noel Carvalho e Weiller Jahmaika	Resistência negra e combate ao racismo.	Afirmação da identidade negra e arte como ferramenta pedagógica antirracista.	Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial Plano Nacional de Cultura Política Nacional de Cultura Viva Política Nacional de Educação Popular em Saúde Política de Saúde Mental Política Nacional de Promoção da Saúde
Baque Sativa / Bloco Sativa	João Gabriel, Fábio e Débora Nebu	Antiproibicionismo e direitos humanos.	Redução de danos; luta antipatriarcal, antimanicomial e anticapitalista.	Política Nacional de Educação Popular em Saúde Política de Saúde Mental Política Nacional de Promoção da Saúde Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa (2026).

O percurso metodológico de sistematização destes coletivos revela que a percussão em Goiânia não é um fenômeno isolado, mas uma rede de tecnologias sociais. Assim, fica evidente:

1. **Estética da Alegria como Práxis:** A matriz demonstra que a percussão popular constitui um dispositivo de Educação Popular em Saúde, Cultura Popular e Artivismo, cujas repercussões extrapolam o setor saúde, visto que atravessam diversas políticas públicas; de saúde, culturais, de igualdade racial, sobre drogas, direito à cidade, para citar algumas. No cotidiano, os blocos operam na territorialidade quando ressignificam praças, tais como a Praça Universitária e as ruas como espaços de cura e prevenção.

2. **Educação Popular em Saúde (EPS):** A matriz demonstra o cumprimento dos eixos da PNEPS-SUS, especialmente na Valorização do Saber Popular e na Cultura de Agência. Cada tambor tocado por uma mulher, um usuário da saúde mental ou um ativista antiproibicionista é um ato de ruptura com a invisibilidade.
3. **Intersetorialidade:** A gestão do Coletivo 420 sobre o Baque Sativa exemplifica como a cultura, a educação e a saúde podem se unir em frentes de mobilização que pautam desde a autonomia sobre o corpo até a reforma legislativa (Anvisa/STF).

Esta síntese reforça que o "fazer percussivo" em Goiânia é um Inédito Viável freiriano: uma resposta criativa e potente às situações-limite de opressão e estigmatização social, bem como uma forma de ativismo que revela a potência das artes nos processos de resistência e luta política.

3.4 A Percussão como Território de Resistência e Ativismo: O Carnaval de Rua em 2026

A prática da percussão popular em Goiânia ultrapassa a dimensão do entretenimento, consolidando-se como um campo fértil para a Educação Popular em Saúde, o Ativismo e a construção de identidades socioterritoriais. No cenário de 2026, o Carnaval de rua emerge como o ápice de um processo contínuo de ocupação do espaço público, onde o ritmo dos tambores comunica ancestralidade, direitos sociais e resistência política. Através da articulação da Liga dos Blocos e da mobilização de coletivos diversos — que pautam desde a inclusão de pessoas com deficiência até o ativismo antiproibicionista e feminista —, a folia goianiense revela sua potência organizacional. Este estudo analisa como a união entre a maestria dos detentores de saberes tradicionais e a autogestão comunitária transforma a rua em um território de cuidado, pertencimento e visibilidade para as lutas populares.

A prática da Percussão Popular está no território da Cultura, pois contempla diálogos, trocas de saberes, construção de identidade socioterritorial e de abordagem popular. Neste estudo, o enfoque está na visibilidade da percussão popular enquanto prática de Educação Popular em Saúde e Ativismo, uma vez que é praticada pelos blocos de carnaval de rua e mobilização cultural. Nesse sentido, a Liga se destaca como um agente popular de articulação que promove a construção organizada e coletiva do Carnaval da cidade; uma entidade

organizadora que contribui para o mapeamento dos blocos carnavalescos, o planejamento e a viabilidade das ações burocráticas junto aos blocos carnavalescos na cidade de Goiânia.

Em 2026, a Liga articulou uma reunião com a Prefeitura de Goiânia que priorizou a presença de todos os blocos de percussão da cidade, para visibilizar suas bandeiras de luta e seus estandartes enquanto fundamento para a ação e obtenção do êxito da proposta. Os blocos que se manifestaram imediatamente foram: “Grito Goiânia” (bloco/festival de rock e música alternativa que funciona como o principal “Carnaval alternativo” de Goiânia), “Ninguém de Fora” (ato político e cultural criado pelo coletivo PCD GYN em Goiânia com foco na inclusão de pessoas com deficiência), o “Bloco do Pequi” (bloco de pré-carnaval que celebra a cultura, o ritmo e a identidade goiana, e integra a comunidade e valoriza a música popular), “Bloco Sativa” (bloco de carnaval de rua e de resistência que une música, percussão popular e ativismo antiproibicionista), “Batuque de Menina” (bloco de percussão feminista), “CarnaRock/CarnaHoppy” (bloco de pré-carnaval e carnaval de rua que mistura a cultura rock’roll com a folia carnavalesca e o rock nacional), “Coró de Pau” (uma das expressões mais respeitadas de percussão em Goiânia, que une folia e valorização da Cultura Popular), “Coró Mulher” (bloco de percussão popular feminista que milita contra a violência de gênero, composto majoritariamente por mulheres) e Não é Não! (coletivo ecofeminista que atua durante o Carnaval pela conscientização ecológica e pelo combate ao assédio, à misoginia e à cultura do estupro).

Logo, se incluíram o Bloco Pracatá (bloco de percussão popular que integra o “Encontro de Blocos” no Pré-Carnaval de Goiânia), o “Bloco de Cria” (iniciativa carnavalesca voltada para o público infantil e suas famílias), o “Bloco do Mancha” (bloco de carnaval com foco na diversidade de gênero e na inclusão, que ocupa as ruas de Goiânia desde 2018), o “Bloco do Lazer” (bloco carnavalesco da Rua do Lazer, no Setor Central em Goiânia), o “Black Bloco” (evento cultural e coletivo artístico com foco na valorização da cultura preta, do hip hop e da música negra), o “Bloco do Caçador” (coletivo cultural e carnavalesco que valoriza a cultura afro-brasileira, a ancestralidade e ocupação do espaço urbano em Goiânia e na cidade de Goiás), o “Bloco Forno Elétrico” (bloco carnavalesco com enfoque na música eletrônica), “Carnahell” (bloco de carnaval de rua alternativo, com enfoque nos gêneros Hardcore, Rock e Metal), “Bloco Baque do Cerrado” (grupo de percussão e cortejo cultural com foco na ancestralidade), o “Bloco Tambores do Orum” (bloco afro, composto exclusivamente por pessoas negras, com enfoque na ancestralidade, na memória e na valorização da identidade negra) e o “Bloco Socialista (bloco carnavalesco que

une folia, cultura popular, resistência política e consciência ambiental). Os líderes de movimentos estudantis, tais como a União Estadual dos Estudantes de Goiás – UEE também construíram o “Bloco dos Estudantes” (une folia com manifestação política em defesa da educação pública). A adesão dos blocos à Liga demonstrou a potência organizacional do movimento dos Blocos de Carnaval na cidade de Goiânia.

No Carnaval, defendemos a alegria e organizamos a indignação em protesto e comunicação. O Bloco Sativa mobilizou o Circuito dos Blocos Unidos (junção de blocos que participaram juntos do Edital de Chamamento Público nº 1/2025, de Seleção de Projetos para o Apoio aos Blocos de Pré e Carnaval de Rua de Goiânia e Carnaval das Cidades do Interior de Goiás) e fez um convite aberto para até quatro blocos parceiros e interessados em planejar um projeto coletivo para concorrer ao edital para o Carnaval 2026, com destaque para blocos gratuitos, tanto da região central quanto periférica. Enquanto isso, observamos como o processo de concorrer ao edital evidencia a dificuldade de participação dos blocos menores, pois para concorrer com blocos grandes é preciso que os blocos pequenos se unam para organizar, mediante a prestação de contas dos valores a serem repassados e critérios subjetivos de avaliação. Os mestres e líderes de blocos de percussão popular entendem a importância de se ocupar espaço nas conferências e no Conselho Municipal de Cultura de Goiânia, a fim de levar a pauta do Carnaval realizado pelos blocos de percussão da cidade.

Assim, o Bloco Sativa não participou do edital para 2026, mas manifestou interesse em criar uma campanha para realizar o Carnaval 2026 no Beco da Codorna (Galeria de Arte Urbana) no Setor Central, mesmo local do Bloco de Cria, uma vez que o espaço é adequado para tais eventos. Desse modo, o Bloco Sativa definiu realizar o Carnaval 2026 de forma independente e autogerida. A documentação e as licenças necessárias tramitaram pelo menos três meses antes, uma vez que as licenças municipais para o uso gratuito de praças e logradouros, o fechamento de vias, a mobilidade que depende da vistoria dos bombeiros são partes do processo que demandam tempo.

Figura 3 – Divulgação da lojinha oficial: estratégia de autogestão financeira



Fonte: Instagram @blocosativa (2026). Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/DTvDHqUEZCu/>. Acesso em: 12 mar. 2026.

No momento pré-carnaval, através da Liga a Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia mobilizou uma campanha de pactuação e ação social na Rua 8, Setor Central, com vacinação dos trabalhadores e produtores dos blocos da Liga no seu “Bloquinho da Saúde” (iniciativa por meio da Superintendência de Vigilância em Saúde que promove ação educativa, prevenção e cuidado), onde distribuíram preservativos, autoteste para HIV e orientações estratégicas sobre os postos de saúde próximos aos locais onde estarão os blocos de carnaval, para que os organizadores dos blocos pudessem esquematizar SAMU em casos de emergência.

Nessa comunicação articulada e construção conjunta com a Liga, a Mídia Ninja lançou uma convocatória para a cobertura colaborativa de fotos e textos do Carnaval em toda a América Latina através do projeto de comunicação sobre o carnaval de rua, denominado *Otros Carnavales*, para registrar, documentar, visibilizar e potencializar a narrativa visual dos carnavais populares de rua e as bandeiras de luta⁵. A Liga dos Blocos 2026 foi fundamental na conexão com diferentes atores sociais na América Latina e para a solução de pendências burocráticas locais, tais como licenças e autorizações.

⁵ Otros Carnavales é um projeto colaborativo de comunicação que registra e divulga expressões diversas do carnaval de rua, com destaque para blocos populares, periféricos e manifestações culturais que muitas vezes não aparece na mídia tradicional.

Além disso, a Liga proporcionou reflexão crítica sobre o Carnaval enquanto organização e consciência coletiva. Assim, ficou explícito que “a rua é respeitada quando há estrutura básica e gratuita para os foliões”. A rede criada pela Liga é orgânica e ajudou a organizar a cidade. Logo, a festa na rua foi popular, gratuita e democrática, feita com amor e alegria.

Dentre os festejos na rua, o Carnaval se manifesta como um dos principais, onde uma grande diversidade de pessoas se encontra, ocupa espaços e territórios de resistência. Isso significa que o festejo na rua transforma violência em pertencimento e reconhecimento, assim como resgata memórias e proporciona o registro de alegria. No festejo do Carnaval, a comunicação comunitária feita nas ruas, é entendida como território de resistência. Nesse sentido, a Educação Popular pode ser compreendida como criativa e afetiva e a arte da percussão popular como manifestação estético-política de resistência. .

Dentre os blocos de percussão que vimos no Carnaval de Goiânia, o Coró de Pau, Coró Mulher, Caçador, Sativa, Tambores do Orum, Desencuca, Batuque de Menina são os blocos que mais atuam através de ensaios ao longo do ano. Os mestres e “puxadores” dos blocos são os detentores dos saberes tradicionais que envolvem a percussão popular e os repassam voluntariamente. O Bloco Coró de Pau, sob regência do mestre Alemão, tem sido o território onde praticamente toda a sociedade goianiense apreende os ritmos afro-brasileiros através dos ensaios semanais e voluntários na Praça Universitária. Essa característica permite que a população interessada participe dos ensaios e do Carnaval. São pessoas que entendem a realidade da comunidade e difundem a saúde mental na vida cotidiana e nos festejos, isto é, em diferentes contextos culturais onde a percussão popular está presente. São agentes de Educação Popular em Saúde.

Portanto, o bloco de percussão popular comunica ancestralidade através dos ritmos afro-brasileiros, comunica quando informa direitos sociais ao levantar suas bandeiras de luta, comunica quando encontra instituições parceiras, principalmente quando o grupo ainda não tem como prestar contas sem Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica.

A Liga dos Blocos se destaca como o elo entre a espontaneidade dos blocos e a burocracia estatal. Sua atuação em 2026 focou em mapeamento e planejamento através de viabilização de licenças e diálogo com a Prefeitura; visibilidade com foco nos estandartes e "bandeiras de luta" como fundamento da ação; e Saúde Coletiva por meio de parceria com a Secretaria Municipal de Saúde para vacinação e prevenção no "Bloquinho da Saúde".

A força do movimento reside na pluralidade de pautas. Podemos dividir os blocos citados por seus eixos de atuação:

Quadro 3 – Categorização Temática dos Blocos de Percussão e Manifestações Culturais Urbanas

Eixo Temático	Blocos Mencionados
Inclusão e Diversidade	Ninguém de Fora (PCD), Bloco do Mancha (Gênero/LGBTQIA+).
Ancestralidade e Cultura Preta	Tambores do Orum (Afro), Bloco do Caçador, Black Bloco, Baque do Cerrado.
Feminismo e Proteção	Batuque de Menina, Coró Mulher, Não é Não!.
Alternativo e Resistência	Grito Goiânia (Rock), Bloco Sativa (Antiproibicionista), CarnaRock, Carnahell.
Cultura Local e Política	Bloco do Pequi, Bloco Socialista, Bloco dos Estudantes (UEE).
Infantil e Comunitário	Bloco de Cria, Bloco do Lazer, Bloco Pracatá.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa (2026).

Quanto aos desafios e à autogestão, o relato traz uma crítica importante ao modelo de editais públicos, que muitas vezes privilegia blocos grandes devido à complexidade da prestação de contas. Como resposta, temos: União de Blocos: A estratégia de pequenos blocos se unirem para concorrer coletivamente; Independência: O exemplo do Bloco Sativa, que optou pela autogestão no Beco da Codorna e garantiu a ocupação do espaço público de forma independente; e Continuidade: O destaque para mestres como Mestre Alemão (Coró de Pau), que mantêm a transmissão de saberes viva o ano todo na Praça Universitária, democratizando o acesso ao ritmo.

Para registro de comunicação e memória, a parceria da Liga com a Mídia Ninja (@otroscarnavales) eleva o Carnaval de Goiânia a um contexto latino-americano, documentando que "a rua é respeitada quando há estrutura básica e gratuita". A comunicação comunitária aqui é vista como um território de resistência, transformando a ocupação urbana em um ato de saúde mental e pertencimento.

A experiência do Carnaval de Goiânia em 2026 reafirma que a percussão popular não é um evento isolado, mas um processo contínuo de Educação Popular em Saúde e Ativismo. A articulação promovida pela Liga e a diversidade dos blocos — que transitam entre a

ancestralidade dos tambores e o ativismo das ruas — demonstra que a cultura é o território onde a vulnerabilidade se transforma em potência e o isolamento em pertencimento.

Ao ocupar espaços como a Praça Universitária, o Beco da Codorna e a Rua 8, esses coletivos não apenas realizam o festejo, mas pautam a gestão pública sobre a necessidade de estruturas que garantam o direito à cidade. O sucesso de modelos autogeridos e a resistência dos mestres de percussão, que mantêm a transmissão voluntária de saberes ao longo de todo o ano, evidenciam que a saúde mental e a coesão social são construídas no cotidiano dos ensaios, no acolhimento das diferenças e na organização da indignação em protesto.

Em última análise, o Carnaval de percussão de Goiânia ensina que a comunicação comunitária e a rede orgânica de cuidados são as ferramentas mais eficazes para enfrentar as burocracias e as exclusões. Quando o tambor toca, ele não apenas marca o ritmo da dança, mas ecoa a urgência de uma cidade mais democrática, preta, feminista, inclusiva e, acima de tudo, soberana em suas manifestações populares. A rua, ocupada com alegria e consciência, deixa de ser apenas passagem para se tornar o lugar onde a vida se celebra em sua plenitude coletiva.

4 SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DO BLOCO SATIVA NO CARNAVAL DE GOIÂNIA (2026).

“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal maneira que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.”

Paulo Freire

O produto de uma busca pela Sistematização da Experiência fundamentada na práxis da Educação Popular em Saúde integra os elementos teóricos de Paulo Freire e a perspectiva

decolonial e o conceito de Ativismo. Essa busca destaca cinco momentos que transformam a vivência no Carnaval em objeto de conhecimento. O Ponto de Partida, compreendido como A Vivência significou a imersão direta no Bloco Sativa e no Coletivo 420. Conforme mencionado no percurso metodológico, quem sistematiza é parte integrante da experiência.

Logo, sistematizar "para quê" significa fortalecer ações transformadoras, o "quê" significa o processo de construção do Carnareggae 2026, e o "eixo central" significa a percussão como tecnologia de saúde e Ativismo. Para isso, a recuperação do processo/reconstrução histórica foi feita via interações síncronas e assíncronas por WhatsApp, reuniões on-line e presenciais na Praça Universitária. Assim, pudemos reconstruir a cronologia dos encontros e das tomadas de decisão. Nesse percurso, a reflexão crítica significa o "porquê" da sistematização e explicita o coração metodológico do trabalho, pois o texto deixa de narrar "o que aconteceu" para interpretar "por que aconteceu", e utiliza categorias tais como *Ativismo*, *Biopolítica* e *Redução de Danos*. Os pontos de chegada desta sistematização significam a formulação de novos saberes, tais como a compreensão da percussão enquanto uma ação de Redução de Danos, uma Prática Integrativa e Complementar de Saúde (PICS) no território da rua e uma expressão de Ativismo.

A ancoragem na Práxis Freiriana dá estrutura para a descrição do percurso metodológico, que é atravessado pela tríade Ação-Reflexão-Ação. Nesse sentido, a metodologia não separa o pensar do fazer. Logo, o diálogo surge como método. As interações no grupo de WhatsApp e nas reuniões na praça não são apenas burocráticas; elas são espaços de "círculo de cultura", onde a fala de cada integrante é validada para a construção do hino e do manifesto do bloco. A coerência entre a fala e a prática se dá com o método, que busca diminuir a distância entre o discurso antiproibicionista e a prática de redução de danos na rua.

Dentro da epistemologia decolonial e do "Bem Viver", o percurso metodológico assume uma postura política ao escolher *como* e *quem* pesquisar. Nesse sentido, há uma Ecologia de Saberes, onde o método reconhece os "Mestres de Percussão" e os ativistas como detentores de saberes técnicos e científicos sobre saúde e cultura, rompendo com a hegemonia acadêmica tradicional. Logo, entende-se por Ecologia de Saberes como uma extensão "de fora pra dentro" da Universidade. "Consiste na promoção de diálogos entre o saber científico e humanístico que a universidade produz e saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, que circulam na sociedade." (SANTOS, 2010, p. 116). Além disso, a ocupação do território se dá quando a metodologia de campo utiliza a cidade como laboratório social. Neste estudo o "lugar" é o Beco da Codorna, a Rua do Lazer, a Rua 8 e a Praça Universitária,

na região central da capital goiana, onde a ocupação do espaço público é a ferramenta para reduzir iniquidades e visibilizar populações vulnerabilizadas.

Quanto aos instrumentos e ferramentas coletivas, o percurso metodológico utilizou uma combinação de instrumentos de coleta e produção de dados. Dentre eles a Observação Participante, através da vivência direta nos ensaios e reuniões de planejamento; a Educomunicação, através do uso do Instagram não apenas para divulgação, mas como método de comunicação popular para registrar a memória das bandeiras de luta. Soma-se a isto a análise documental através da articulação com marcos legais -Anvisa, STF, PNEPS-SUS - e a produção de manifestos próprios. Assim, os Tempos Comunidade aconteceram mediante a metodologia de alternância que integra o estudo teórico à ação direta no território em Goiânia.

Em resumo, o rigor deste percurso reside na transparência dos processos. Ao documentar desde o "conflito pelo barulho" com a polícia até a "autogestão dos recursos", o método revela que a promoção da saúde mental no cotidiano, por meio dos ensaios do Baque Sativa e demais apresentações no Carnaval de 2026, é fruto de uma construção democrática, onde o tambor é o instrumento de uma nova governamentalidade sobre os corpos — agora, corpos insurgentes e autônomos.

4.1 Descrição do Processo Vivenciado

O processo de construção do Carnaval se iniciou no dia 06 de janeiro de 2026, quando o grupo priorizou o planejamento estratégico a partir de círculos de cultura itinerante de aprendizagem coletiva, manifestos em reuniões *on-line* e encontros presenciais para os ensaios (prática da percussão popular). Nesse sentido, este trabalho de conclusão de curso foi proposto para o grupo, no sentido de obtenção de consentimento livre e esclarecido dos participantes no que se refere à sistematização dessa experiência. O grupo de percussão Baque Sativa acolheu a proposta deste estudo - dar visibilidade à percussão popular como prática de Educação Popular em Saúde e Artivismo através das ações do Bloco Sativa - e participou ativamente da interação social via grupo de WhatsApp para planejamento e construção do Carnareggae 2026.

Inicialmente, o grupo definiu as prioridades e demandas de trabalho para a concretização do evento. Os integrantes mais experientes priorizaram o planejamento estratégico e logístico de estrutura e funcionamento do evento a partir da logística de som e

palco, além do cuidado com o relacionamento com os artistas (bandas e discotecagens) para solucionar questões de transporte, alimentação e estadia; release dos artistas, tempo de apresentação, mapa de palco e número de integrantes; esta foi a lista de prioridades.

O relatório da reunião *on-line* realizada dia 14 de janeiro de 2026 tratou das licenças e infraestrutura para a realização do evento. O enfoque esteve na garantia das licenças necessárias e da infraestrutura adequada para a montagem do evento com segurança e em conformidade com a legislação. O grupo optou pela licença de evento simplificado para céu aberto sem estrutura, mas com pelo menos três tendas obrigatórias para palco, equipamentos e público, especificamente para o caso de proteção da chuva. As licenças estruturais envolveram engenheiro para assinar o projeto e este foi contratado pela empresa que faz a montagem da estrutura. O grupo precisou pagar o engenheiro para assinar o projeto e continuar a realizar o evento. O processo foi realizado por meio de interação social e colaboração do Coletivo 420. Com relação à taxa do Corpo de Bombeiros, gastos com licenças e locação de extintores, o grupo pagou com recursos próprios. Assim, o grupo definiu a campanha de venda de camisetas/abadás para obtenção de recursos financeiros que viabilizassem o custeio do evento. Em seguida, adicionou a venda de copos personalizados.

O grupo definiu buscar apoio político para fortalecer as chances de materialização da proposta, com contatos já alinhados com os respectivos assessores. Assim, a estrutura de tendas ficou definida a partir de duas possibilidades de acesso; aluguel ou apoio político. Além disso, o grupo definiu o bar com a parceria da Cervejaria Astúria, uma vez que a empresa se propôs a cuidar da parte financeira e operacional do bar, com comissão de 15% sobre as vendas. A montagem do bar ficou definida com estrutura de paletes e sem interferência do grupo de organização do evento. A proposta objetivou o destino de 100% da receita para os artistas e equipe, para fortalecer o rateio de cachês.

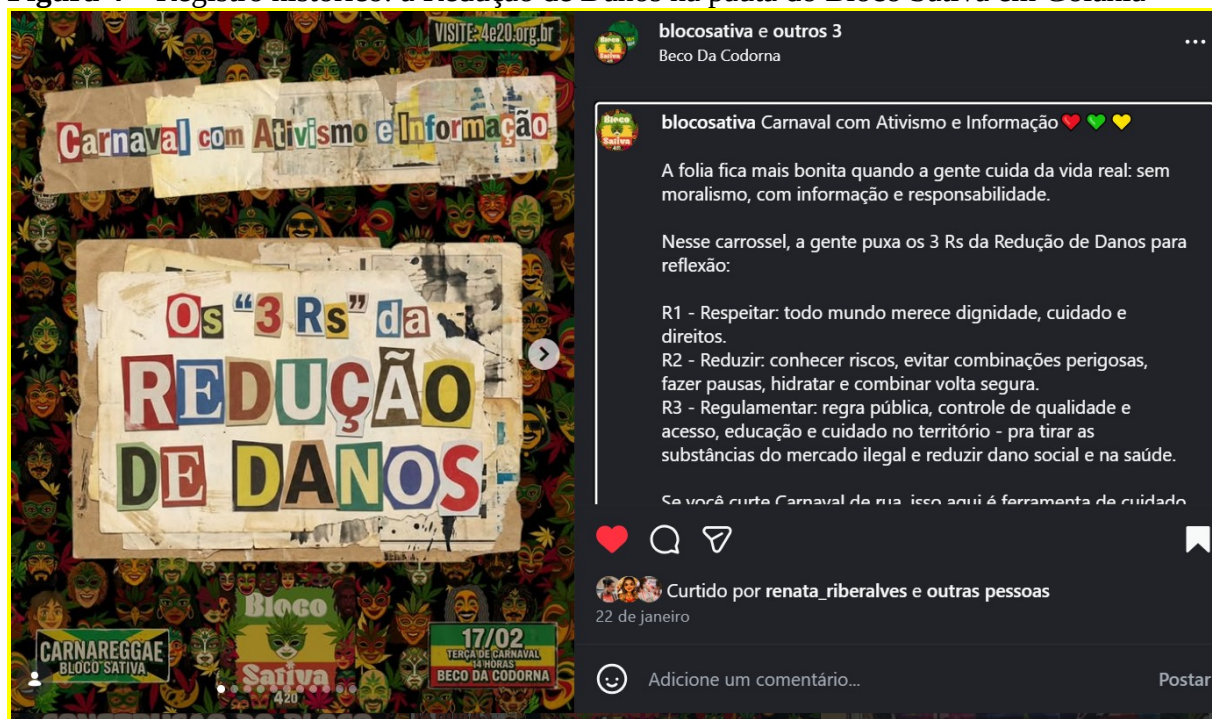
O processo de programação e organização do palco envolveu rigorosa garantia de fluidez e aproveitamento do tempo pelo grupo, com foco na pauta do respeito à diversidade e nas mensagens sobre o evento. Ficou definido que a programação do palco deverá ser cronometrada com duração total do evento até 0h, incluindo apresentações, falas e interações. Ficou definido também uma hora de apresentação para cada artista, mais quinze minutos para a troca de equipamentos.

O início do evento ficou definido para às 15h com DJ SPL Sub tocando reggae nos intervalos e abertura (linha de reggae clássico com mais de doze horas de som sem repetição). A ordem das apresentações incluiu DJ Tapuio ou Pedro, seguido pelo Baque Sativa, Fritos da

Terra e *rapper* Leon Ras. A locução ficou centralizada em uma pessoa para evitar excesso de falas e desorganização, incluindo momentos de descontração para concurso de fantasia e sorteios/Flor. A passagem do som será usada para alinhamento final da apresentação. O grupo definiu que os ensaios de percussão popular devem ocorrer semanalmente, para garantia de qualidade na apresentação e uso dos poucos microfones disponíveis. As participações especiais serão avaliadas, mas a mensagem principal deve manter a identidade do Bloco Sativa.

Quanto à Redução de Danos e Comunicação Educativa, o grupo priorizou ações práticas de redução de danos ligadas à conscientização, com foco em mensagem clara e visibilidade no evento. O grupo decidiu criar uma campanha de redução de danos com três diretrizes simples e uma faixa grande para exposição no evento. As três diretrizes sugeridas foram: 1) reduzir consumo, 2) não misturar substâncias e 3) estar com amigos em locais seguros. A faixa terá mensagem compacta para fácil compreensão e visibilidade durante o evento, reforçando o compromisso do bloco. A locução durante o evento incluirá falas curtas sobre redução de danos, racismo, antiproibicionismo e combate à violência, conectando com o público. Foi proposta a realização de oficina de formação de agentes de redução de danos para capacitação do grupo. Nesse sentido a oficina objetiva o embasamento teórico e prático para os membros do bloco representar a causa com conhecimento. A iniciativa foi motivada pela necessidade de base sólida para participação em debates, *podcasts* e eventos futuros. A frequência poderá ser semanal para estudos, rodas de conversa e atualização das pautas. O grupo planeja também encontros mensais com a comunidade para ampliar o diálogo sobre redução de danos.

Figura 4 – Registro histórico: a Redução de Danos na pauta do Bloco Sativa em Goiânia



Fonte: Instagram @blicosativa (2026). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DSVd8b1kRaW/>. Acesso em: 12 mar. 2026.

Sobre o engajamento político e parcerias estratégicas, o grupo priorizou o contato direto com políticos possíveis parceiros a fim de viabilizar recursos públicos e estrutura para promover o bem-estar aos participantes do evento, a partir do diálogo pessoal e a efetividade nas relações sociais. A articulação política se deu via encontros presenciais com assessores e políticos locais para a garantia de apoio com a produção de material informativo, e obtenção de licenças diversas. Cabe assinalar que eventos desta magnitude implicam altos níveis de procedimentos burocráticos.

Entre os contatos, a prioridade foi para vereadores considerados receptivos à proposta e com potencial para facilitar o acesso a recursos públicos para montagem de tendas e outros apoios, tais como oferta de banheiros químicos para o público. A conversa com estas lideranças também incluiu a possibilidade de recursos para a logística de alimentação e estrutura para os artistas que vêm de outros estados, por meio de ofícios que também foram enviados a padarias e parceiros locais. A equipe iniciou as visitas na semana seguinte e definiu uma pessoa integrante para ser responsável por esta demanda.

O grupo Baque Sativa manifestou a intenção de unir coletivos para produzir a revista Zazazine, com Santa Ganja na coordenação e participação ativa do Coletivo 420 na produção de conteúdo. A revista servirá como canal para dialogar sobre redução de danos, percussão

popular e pautas antiproibicionistas. A participação do Coletivo será em formato de coprodução, com envio de textos e materiais para composição da publicação.

Assim, o projeto busca ampliar a visibilidade e integração entre coletivos, apesar das diferenças internas. Essa iniciativa foi proposta em reunião, e reforça o posicionamento político e cultural do bloco no cenário local. Nesse sentido o grupo manifestou a potência da força coletiva através do ativismo, da música e da tomada de consciência. Cultura do ativismo consciente e da musicalidade fina.

Sobre a comunicação digital e a divulgação do evento, o grupo planejou ações de vídeo e redes sociais para maximizar o engajamento e promover o evento com foco em conteúdo dinâmico. O grupo decidiu por iniciar a divulgação oficial do Bloco Sativa através de vídeos curtos para atrair público nas redes sociais. Uma integrante se responsabilizou pela criação de roteiros, organização de filmagens e edição de vídeos para *Instagram*. Essa estratégia teve objetivo de aumentar o alcance de público com conteúdo visual que superou o engajamento limitado de *posts* escritos.

Assim, os ensaios de percussão popular proporcionaram momentos de gravação dos vídeos e alinhamento dos roteiros. Também foi sugerida a realização de gravações no Beco da Codorna/local do evento Carnareggae do Bloco Sativa, com alguns integrantes, para obtenção de maior impacto visual. A programação das postagens foi planejada com horários definidos para a manutenção da consistência e engajamento. Ficou definido que a equipe discutiria o cronograma de postagens para garantir frequência e relevância nas publicações.

Desse modo, a comunicação digital foi integrada com as ações presenciais para reforçar a mensagem do bloco. O enfoque da comunicação foi o destaque para os valores do bloco, para a programação do carnaval e para as pautas de redução de danos. A organização do conteúdo foi colaborativa, com contribuições de diferentes integrantes do Baque Sativa e membros da equipe de produção do Carnareggae. As diretrizes de redução de danos do Bloco Sativa foram definidas por: Consumo Consciente, Mistura segura de substâncias, e Estar com amigos e em locais seguros.

Uma integrante informou que já teve experiência como redutora de danos por dois anos, principalmente em contexto de festa. Ela reforçou que no Beco da Codorna/local do evento um dos comerciantes dispunha de um bebedouro no seu bar, onde a água é gratuita e acessível. Ela sugeriu um reforço na comunicação durante o evento, para informar ao público sobre a acessibilidade de água gratuita no evento. Inclusive, informou que em grandes eventos (a regra não define um número exato de pessoas), há uma regra emergencial (nível

federal/consumidor) que obriga os organizadores a garantir acesso à água potável gratuita e instalar pontos de hidratação (bebedouros/ilhas) ou permitir a entrada com garrafas pessoais, o que favorece muito a redução de danos. Ela sugeriu também que a empresa Cervejaria Astúria cedesse fardos de água para quem precisar durante a compra de seus produtos, incentivando o consumo de água. Ainda, a integrante sugeriu a inclusão da pauta de gênero durante a locução no evento, uma vez que incluiria falas curtas sobre redução de danos, racismo, antiproibicionismo e combate à violência durante a conexão com o público. Ela foi convidada pelo grupo a “puxar” uma oficina para a formação e replicação de conhecimentos sobre redução de danos. Ela concordou, mas não no contexto de construção do Carnaval, pois não teríamos tempo hábil.

Seguindo o processo, definimos com assessores de políticos diversos. Obtivemos o apoio com a viabilização de quatrocentos e quarenta copos descartáveis de água, através da Saneago – Empresa de Saneamento do Estado de Goiás. Com isso, a distribuição gratuita da água se tornou uma ação sanitária no Carnareggae 2026.

Uma integrante se responsabilizou pela inclusão da pauta de Redução de Danos nas suas falas e reforçou a importância da inclusão de mulheres na programação também, pois em sua opinião os eventos de *reggae* estão representados majoritariamente por homens. Ela sugeriu a inclusão de uma mulher DJ, a Iara Kavenne, aparentemente a única que toca um pouco de *reggae* no seu set, e de vez em quando. Definida a relação com patrocinadores e produtos para divulgação pelo Coletivo, um integrante sugeriu a ação de organização das postagens nas redes sociais, conforme deliberado em reunião.

Em meio à construção do Carnareggae Bloco Sativa 2026, o grupo discutiu sobre a situação precária de manutenção dos instrumentos e situações-limite que produzem (re) existência. A (re) existência se dá com a continuidade da prática, mesmo após a intervenção policial e paralisação do ensaio do Baque Sativa, ocorridas em janeiro de 2026, por motivos denúncia por barulho e perturbação causados pelos tambores (há uma antipatia social pela prática no cotidiano) e a própria solicitação da prefeitura que gerou um ofício pela desocupação do Palácio da Cultura. O local é a sede dos blocos Coró de Pau e Baque Sativa. Sobre esse assunto, o Palácio da Cultura é o local onde o Bloco Coró de Pau está sediado desde que precisou desocupar o espaço do antigo DCE – Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Goiás há quase uma década. Não temos tempo hábil para aprofundar essa problemática, mas esse contexto define o cotidiano de (re) existência (SCHMIDT, 2022), uma vez que o grupo de percussão não apenas resiste às opressões, mas recria continuamente

suas formas de existir. Essa prática é recorrente nos Blocos de Percussão Popular em Goiânia. Cultura de (re) existência.

A ideia de (re)existência é central para a compreensão da autonomia dos povos e está intrinsecamente vinculada às suas práticas tradicionais. Nesse sentido, ela constitui uma categoria analítica fundamental para esta sistematização do Bloco Sativa. Ao afirmarmos que o ato de tocar tambor é uma 'prática decolonial de (re)existência', estabelecemos um diálogo direto com a base teórica de Schmidt (2022). Enquanto a autora enfoca o sistema agroalimentar e os povos indígenas Akwê-Xerente, esta sistematização aplica tal lente ao território urbano de Goiânia e à luta antiproibicionista.

Estabelece-se, assim, um paralelo teórico entre a (re)existência indígena e a dos batuqueiros do Baque Sativa, evidenciando que ambas as práticas buscam a autonomia e a preservação da ancestralidade em oposição ao sistema hegemônico. Schmidt (2022, p. 38) define que a (re)existência consiste em "práticas e saberes que buscam a autonomia e a produção de vida frente às lógicas de dominação e apagamento". Ainda, como aponta Schmidt (2022, p. 21), a (re) existência é o exercício de "atualizar a ancestralidade no tempo presente, transformando o território em um espaço de cura e resistência política".

A integrante agenciou o grupo para a produção de audiovisual no Palácio da Cultura como uma ação coletiva. Nesse sentido, a construção envolve o coletivo para mais do que um bloco de percussão, mas um movimento ativista que trata suas questões em reuniões/círculos de cultura. Uma dessas ações foi a de escolha do tema do Bloco em 2026. Esta construção identitária do movimento relaciona com a cultura do autocultivo:

Plantas no quintal – Anvisa, legalize geral!

O autocultivo não é só sobre uso recreativo. A indústria farmacêutica e o comércio ilegal não podem ser as únicas formas de acesso.

Uma planta de fácil cuidado, que pode crescer no quintal, não deve ser proibida cultivar, são muitos os benefícios do autocultivo. Regular o autocultivo é reparação porque:

- Diminui a violência institucional sobre quem é mais vulnerável;
- Cria um caminho de autonomia e dignidade, sem depender do tráfico.

Planta no Quintal,
Anvisa, legalize geral.

Coletivo 420.

Dada a proximidade da relatoria sobre a regulamentação da *Cannabis sativa* pela Anvisa, o tema consolidou-se como de interesse coletivo, exigindo uma reflexão multidimensional. Esta análise abrange desde a legalização sob a égide da agência reguladora e a suficiência do aparato legislativo na garantia dos direitos humanos, até a necessidade de expandir o debate para outras esferas institucionais. Paralelamente, se o cerne da luta

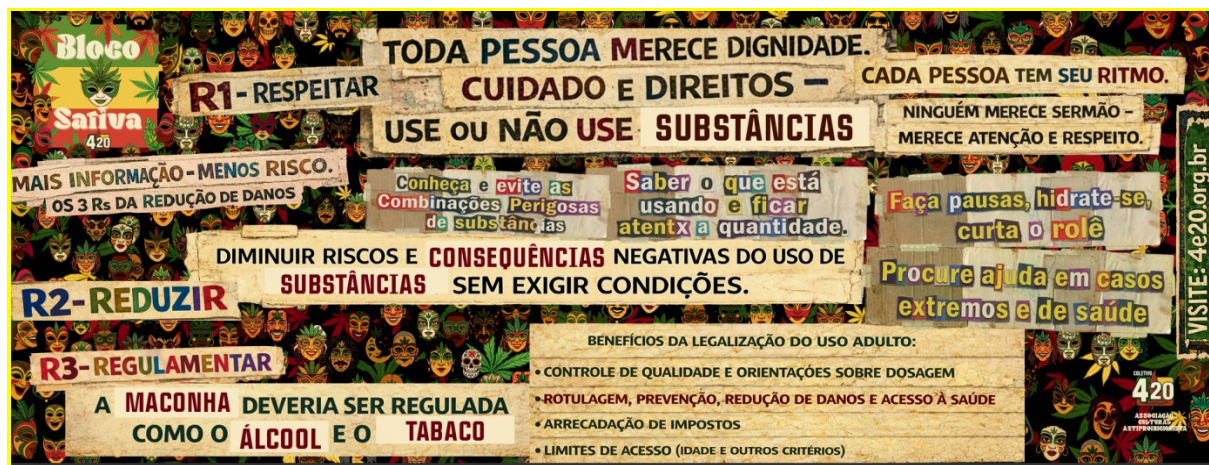
antiproibicionista reside no autocultivo, a Anvisa torna-se, fundamentalmente, uma instância central de diálogo sobre as normas e a cultura do cultivo no país.

Durante o processo de construção do Carnaval de 2026, a interação percebida com o Coletivo 420 foi a de construção de si. Eu mesma compreendo a importância de incluir a voz das mulheres negras que compõem o Comitê Antiproibicionista - Marcha das Mulheres Negras para abordagem da pauta. Com isso, a perspectiva do Bem Viver está presente como ponto de inflexão dos movimentos antiproibicionistas, tais como o das mulheres negras.

É possível refletir sobre as potencialidades que emergem dessa perspectiva — a do Bem Viver — ou de sua ausência, enquanto experiência de redução das iniquidades humanas, com vistas a fortalecer a cultura da práxis do Bloco Sativa rumo à transformação social. Além disso, o grupo pode ou não se interessar pela discussão do Bem Viver sob uma ótica decolonial e inter/multicultural, visto que a bandeira erguida pelo Baque Sativa, por meio dos ritmos afro-brasileiros na percussão popular, expressa uma potencial cultura de Bem Viver. Isso ocorre na medida em que a prática percussiva é compreendida como uma forma decolonial de (re) existência, assumindo esse caráter ao assimilarmos e reproduzirmos ritmos de ancestralidade africana, tanto em ensaios quanto em apresentações. Contudo, esse tema poderá ser mais bem aprofundado em discussões coletivas com o Baque Sativa.

Durante o processo de construção do Carnareggae Bloco Sativa 2026, compartilhei os relatórios elaborados para esta especialização como forma de estabelecer um diálogo com o grupo. Nesse sentido, foi aberto espaço para a discussão dos documentos, bem como para o acolhimento de sugestões e atualizações acerca de eventuais dados equivocados. Adicionalmente, propus a criação de uma arte que identifique as potencialidades e ameaças da percussão popular, compreendida como estratégia de Educação Popular em Saúde no âmbito da luta antiproibicionista.

Figura 5 – Produção coletiva durante a construção do Canareggae do Bloco Sativa em 2026.



Fonte: Coletivo 420.

O Coletivo 420 manifestou agência de cidadania na gestão de recursos públicos para a cultura. A reflexão sobre a participação social trouxe duas propostas: a viabilização de uma candidatura própria ao cargo de vereador(a), fundamentada na pauta antiproibicionista sob uma perspectiva de esquerda, ou a criação de um mandato coletivo. Dessa forma, a pauta da reunião de construção do bloco, realizada *on-line* em 21 de janeiro de 2026, abrangeu informes gerais, o balanço financeiro e a definição do tema central, sintetizado nos '3R's' da Redução de Danos: Respeitar, Reduzir e Repensar. Vale registrar que o grupo dialogou sobre a Redução de Danos (RD) com o intuito de comunicar ações estratégicas definidas coletivamente nas reuniões anteriores.

Os 3 Rs da Redução de Danos

Respeitar – Reduzir – Repensar

Redução de Danos (RD) é um jeito pragmático e baseado em saúde pública de lidar com o uso de substâncias: em vez de moralismo e punição, foca em diminuir impactos negativos (na saúde, na vida social e na comunidade), reconhecendo que nem todo mundo consegue – ou quer – parar imediatamente.

1) RESPEITAR

Redução de Danos começa com uma ideia simples e revolucionária: toda pessoa merece dignidade, cuidado e direitos, use ou não use substâncias. Não trata o uso como “falha moral” e combate estigma, violência e discriminação.

Na prática, respeitar é:

- Acolher sem julgamento e sem humilhação (escuta real, linguagem humana);
- Defender autonomia: a pessoa é sujeito, não “caso”/objeto;
- Garantir confidencialidade, segurança e acesso a serviços sem constrangimento;
- Enxergar que os danos, muitas vezes, vêm mais de criminalização, racismo institucional e precariedade do que da substância em si.

2) REDUZIR

Se o respeito é considerado o chão, reduzir é a ação: diminuir riscos e consequências negativas sem exigir uma condição impossível (“só te ajudo se você parar”). Redução de Danos pode incluir desde informação e cuidado territorial, até políticas públicas e serviços específicos (prevenção de HIV, hepatites, overdose, etc.).

O que entra em “reduzir” (visão ampla):

- Danos à saúde: infecções, intoxicações, sofrimento psíquico, comorbidades.
- Danos sociais: rupturas familiares, perda de renda, violência, exclusão.
- Danos legais e institucionais: abordagem policial, encarceramento, barreiras no SUS e assistência.

3) REPENSAR

Redução de Danos também é lente política: repensar é perguntar “quem lucra com a punição?” e “o que realmente funciona?”. É trocar “guerra” por cuidado e “pânico moral” por evidência e direitos humanos.

Repensar envolve:

- Revisar leis e práticas que produzem dano (criminalização, estigma, expulsão do cuidado);
- Fortalecer a rede de atenção psicossocial e cuidado no território (e não soluções de abandono/isolamento);
- Avaliar ações pelo que entregam de verdade: menos morte, menos violência, mais acesso, mais autonomia.

Coletivo 420

Durante as reuniões, identificou-se que a percussão popular constitui a principal frente de ação em Redução de Danos (RD) do coletivo. Logo, a prática cotidiana dos ensaios contribui para que o sujeito enfrente desafios impostos por uma estrutura social onde operam o adoecimento, o sofrimento biopsicossocial, a violência policial e o racismo estrutural. Nesse contexto, surgiu a proposta de realizar ensaios abertos configurados como Oficinas de Percussão Popular — compreendidas como dispositivos de RD passíveis de articulação com o Sistema Único de Saúde (SUS) — utilizando ritmos afro-brasileiros e a produção musical como ferramentas de autonomia, inclusão, cidadania e acolhimento sem julgamentos. No que tange à autonomia, o conceito foi debatido sob a ótica do protagonismo do sujeito em sua própria saúde mental; o ato de ocupar o espaço público, enfrentar adversidades cotidianas para participar dos ensaios e erguer a bandeira antiproibicionista foi reconhecido como um passo fundamental para o acesso à saúde e para a vivência da luta social por meio da Cultura Popular.

No desenvolvimento da campanha dos 3R, surgiu a proposta de substituir o terceiro 'R' (Repensar) por 'Regulamentar', dada a necessidade de pautar explicitamente esse tema em 2026. O debate acerca da regulamentação do cultivo de *Cannabis* para fins medicinais por

pessoas jurídicas tornou-se um ponto central para o grupo, especialmente diante da desconsideração das associações no atual cenário legislativo. Nesse contexto, observou-se que a mobilização permanece ativa, com destaque para o ato em Brasília realizado em 28 de janeiro de 2026, momento em que o grupo deu visibilidade à sua perspectiva e compreensão sobre a importância da regulamentação.

Durante o processo de construção do Carnaval, evidenciou-se que a distribuição dos recursos públicos municipais privilegia iniciativas que já possuem infraestrutura consolidada e que, frequentemente, realizam eventos pagos. Em contrapartida, mobilizações como a construção do Carnareggae Bloco Sativa 2026 e de outros blocos independentes não recebem fomento direto do município. Diante desse cenário, a articulação do grupo voltou-se à verificação de suportes pontuais, tais como a oferta de tendas, pontos de energia e banheiros químicos. No Beco da Codorna, embora a parceria central seja com o estabelecimento Prosperidade Cultural, os custos com sonorização, palco e segurança foram incorporados ao planejamento financeiro do coletivo, sendo viabilizados por meio da comercialização de itens personalizados, como camisetas/abadás e copos.

Durante o mês de janeiro, a logística e a infraestrutura foram priorizadas na construção do Carnareggae 2026 do Bloco Sativa, a fim de garantir a segurança e o funcionamento adequado do evento por meio do apoio popular para a montagem de tendas e fornecimento de energia elétrica. O orçamento da festividade fundamenta-se no autofinanciamento e em parcerias para o empréstimo de equipamentos de sonorização e instrumentos. Diante da necessidade de recursos para saneamento e estrutura, o grupo buscou interlocução com um vereador que sinalizou interesse em articular apoios institucionais mediante a apresentação de orçamentos. Contudo, a escassez de recursos nos gabinetes, somada ao foco nas campanhas eleitorais, impôs barreiras ao acesso a emendas parlamentares. Tal cenário reforçou a percepção do coletivo de uma postura consolidada de independência e foco na autossustentação financeira.

Em paralelo, a feira do evento foi estruturada com oito barracas destinadas à comercialização e divulgação de produtos diversos, com exceção de bebidas, contando com expositores ligados à 'Sou Cannabis' – movimento que expressa identidade e militância dentro do movimento canábico – e 'Slow Burning' – pessoas da cena canábica local ligadas à cultura canábica *underground*. A organização projeta que a feira atue como uma fonte de receita recorrente para viabilizar futuros projetos, e fortalecer a autonomia econômica do coletivo.

Ainda, durante o processo de construção do Carnareggae, o documentário “Quanto custa o remédio do meu pai?” foi disponibilizado nas redes sociais. Dirigido por Luiz Eduardo Rezende e produzido pela TV Câmara (2018), ele se conectou com este trabalho porque discute exatamente a judicialização, o alto custo de medicamentos e o papel do Estado na garantia da saúde. É possível assistir o documentário na íntegra através dos seguintes links oficiais Youtube (Canal oficial da TV Câmara) e Portal da Câmara dos Deputados ou <https://www.youtube.com/watch?v=BQ24onDdML0>. Este documentário dialoga diretamente com a luta do Bloco Sativa e do Coletivo 420 porque evidencia a relação entre a judicialização, o autocultivo e o direito à saúde. Enquanto o filme aborda sobre o custo para o SUS comprar medicamentos de farmacêuticas, o Coletivo 420 pauta o autocultivo e o papel das associações como alternativa de baixo custo e alta eficácia. Tanto o autocultivo quanto o direito à saúde questionam até onde o Estado cumpre o seu papel de prover saúde integral, seja via farmácia básica ou via regulamentação de plantas medicinais.

Nesse sentido, a Primeira Reunião Ordinária Pública da Diretoria Colegiada – 2026 ocorreu em Brasília dia 28 de janeiro de 2026. Assistir a reunião se tornou uma oportunidade para a população brasileira acompanhar os anúncios da Anvisa acerca da Resolução da Diretoria Colegiada nº327/2019, norma que regulamenta produtos, serviços e práticas relacionadas à Vigilância Sanitária no Brasil, que gerou regras sobre a fabricação e exportação de produtos à base de cannabis; prescrição médica; e uso medicinal no Brasil⁶. Nesse novo cenário, universidades, associações, indústrias farmacêuticas e farmácias de manipulação vislumbram a possibilidade de produzir o insumo mediante autorização, posicionando instituições como a Embrapa e a Anvisa como eixos centrais de inovação e controle de qualidade.

Paralelamente a esse avanço institucional, o Coletivo 420 pautou a complexidade do autocultivo, evidenciando as tensões inerentes ao cumprimento da legislação e os conflitos com o braço repressivo do Estado, representado pela Polícia Militar. Apesar desses desafios, as deliberações da reunião foram compreendidas como uma vitória significativa para a luta pelo direito ao cultivo e ao uso adulto. O grupo destacou o potencial da regulamentação para a geração de trabalho e renda via derivados do cânhamo e, fundamentalmente, para a validação da medicina popular. Isso inclui a produção de remédios caseiros e o fomento a pesquisas que visibilizem as práticas tradicionais de cuidado e a ancestralidade vinculadas ao uso da planta.

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=1FVO85RmjMw>

A contínua interação social via WhatsApp e a divulgação do evento pelo Instagram promoveram uma forte conexão entre os membros. O engajamento e a adesão ao evento avançaram significativamente após o dia 28 de janeiro, refletindo-se na saída de ingressos e na consolidação de uma identidade pautada na autogestão e no fortalecimento comunitário. O grupo reiterou a importância de um Carnaval autogerido, sem vínculos de dependência com agentes políticos, priorizando o financiamento próprio e parcerias culturais orgânicas. A criatividade também foi um marco desse processo, manifestada tanto na confecção de adereços quanto na manutenção coletiva das baquetas.

Figura 6 – Interação e engajamento: o "esquenta" para o Carnaval



Fonte: https://www.instagram.com/p/DTvDHaUEZCu/?img_index=1

O debate acerca da identidade anticolonialista e das estratégias de remuneração para artistas e equipe foi postergado para reuniões futuras, visando assegurar a sustentabilidade e a coerência ideológica do projeto. Tal direcionamento reafirma que a resistência do coletivo reside na busca por independência financeira e no engajamento comunitário. Apesar dos desafios políticos e logísticos — acentuados pela ausência de apoio parlamentar e de incentivos culturais institucionais —, a equipe manteve o otimismo e o foco na mobilização interna e na construção de parcerias locais. Assim, o Bloco Sativa consolida sua atuação no processo de construção do Carnaval de forma autônoma, fundamentada no apoio mútuo e na autogestão.

No enfrentamento à vulnerabilidade criada pela situação de desocupação do Palácio da Cultura, participei de uma reunião no Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (MA/UFG) para articular uma parceria em torno do projeto que estamos desenvolvendo, intitulado por mim 'A Casa dos Instrumentos'. Essa iniciativa surgiu da necessidade urgente de realocação, uma vez que um ofício da prefeitura informou que o Palácio da Cultura entrará em reforma em março de 2026. Com isso, tanto a Associação Coró de Pau quanto o Coletivo 420 ficarão desprovidos de guarderia para seus instrumentos de percussão — um cenário preocupante que evidencia a precariedade do suporte institucional à cultura popular. Uma próxima reunião foi agendada para deliberar sobre a viabilidade dessa cooperação junto ao Museu, diante do desafio imposto pela perda súbita do espaço físico.

Em relação à nova regulamentação da Anvisa, o Coletivo 420 compreendeu que não há motivos para celebrações plenas. O grupo avalia que o desafio central da luta pelo autocultivo medicinal reside na premissa de que a saúde não pode ser tratada como um privilégio de poucos, mas como um direito universal que deve superar as barreiras socioeconômicas impostas pelo modelo atual. Em reunião, uma das reflexões encaminhadas foi esta:

O pacote aprovado não resolve o principal gargalo da maconha medicinal no Brasil: o autocultivo como estratégia de cuidado. Na prática, sem um caminho administrativo claro para o autocultivo medicinal, o país mantém um modelo em que o acesso depende de quem consegue pagar, esperar, importar, ou judicializar. Isso aprofunda a desigualdade: a mesma planta vira “tratamento” para alguns e “suspeita” para outros. E, do ponto de vista de saúde, é irracional: autonomia e continuidade do cuidado são fatores de proteção, não de punição. Uso adulto fora do debate: um erro sanitário, não só político. Outra ausência gritante: uso adulto continua fora do campo da saúde e preso ao campo do medo. É aqui que as provocações de Carl Hart ajudam a desmontar o senso comum. Em sua obra voltada ao grande público, Hart defende que o maior dano associado às drogas frequentemente decorre da ilegalidade, não do uso em si, e que adultos deveriam poder fazer escolhas com informação, regulação e cuidado em vez de punição. A lógica é simples: clandestinidade não protege ninguém. Ela impede o controle de qualidade, empurra práticas para o silêncio e faz muita gente evitar ajuda por medo de julgamento ou repressão. Regulação do uso adulto passa pela Saúde: SUS já tem trilha pronta. Se a sociedade decide tratar o uso de substâncias como tema de saúde, o eixo coordenador precisa ser o Ministério da Saúde, com programas públicos e rede de cuidado. O SUS já faz isso em áreas próximas. No tabaco, existe um programa nacional que articula rede de tratamento no SUS, ações educativas e medidas de proteção coletiva. Na atenção psicossocial, os CAPS AD são pontos de cuidado para situações relacionadas ao uso prejudicial de álcool e outras drogas, com modalidades que podem funcionar 24h em municípios maiores. A discussão de uso adulto de maconha, quando colocada nesse trilho, muda de pergunta: sai “como punir?” e vira “como reduzir danos, acolher, informar e intervir quando houver sofrimento?”. Isso não é “liberou geral”. É o oposto: é controle real, com parâmetros públicos, educação honesta, prevenção, cuidado e responsabilização – sem terceirizar tudo para a polícia.

O grupo de percussão Baque Sativa idealizou um espaço de Redução de Danos (RD) equipado com colchonetes, petiscos e suporte do Corpo de Bombeiros. Todavia, a escassez de recursos e a limitada experiência prática com esse tipo de intervenção impuseram restrições ao projeto original. Assim, deliberou-se que, em situações de emergência, o contato com o número 193 será priorizado, estando o evento devidamente alinhado com a Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros. No âmbito da equipe, apenas duas integrantes possuíam experiência prévia em ações de RD em festivais: uma delas propôs a iniciativa estratégica de distribuição gratuita de água, enquanto a outra contribuiu com orientações técnicas e atuou diretamente como agente no espaço destinado à oferta de água e frutas.

Na última semana que antecedeu o evento, o grupo alinhou estratégias para a organização do material digital e a elaboração de um plano de ação voltado à divulgação do bloco. A estratégia adotada consistiu na definição de horários para postagens patrocinadas, utilizando o formato de carrossel segmentado por temas. Identificou-se que o melhor desempenho ocorre às quintas-feiras, às 10h. A ordem das publicações foi estruturada para facilitar a visualização: iniciou-se com a programação completa, seguida por blocos específicos para parceiros, loja oficial, apoiadores, patrocinadores e, fundamentalmente, as diretrizes de Redução de Danos e conscientização. Até o dia 8 de fevereiro, o evento já registrava 600 ingressos retirados via *Sympla*. Devido ao êxito na adesão, o grupo revisou as condições estruturais do local para assegurar segurança e conforto ao público, respeitando a capacidade máxima de 800 pessoas.

Figura 7 – Cronograma oficial e estratégia de comunicação digital



Fonte: https://www.instagram.com/p/DUxxLJYEZxF/?img_index=1

Na reunião *on-line* realizada em 11 de fevereiro de 2026, o grupo debateu o balanço financeiro e as diretrizes estratégicas para o evento. As pautas centrais incluíram a gestão da entrada de ambulantes, a estruturação do bar próprio, a definição do contingente de segurança e a articulação com estabelecimentos locais. Sobre a infraestrutura, a Liga de Blocos assegurou o fornecimento de dois banheiros químicos, o que, somado à autonomia na rede elétrica, reforçou a independência logística do Bloco em relação aos bares do entorno.

No que tange ao licenciamento, o enfoque foi assegurar a realização do evento no Beco da Codorna, respeitando os horários e as condicionantes legais estabelecidas (das 14h-22h). A comercialização de bebidas foi planejada para conciliar o atendimento ao público e artistas com a viabilidade financeira do projeto, buscando um equilíbrio com os bares locais. Contudo, registrou-se um conflito com o proprietário de um estabelecimento durante a negociação para o rateio dos custos de segurança. Para mitigar riscos e garantir o êxito do evento — cuja estimativa de público é de 800 pessoas —, optou-se pela contratação de cinco seguranças especializados.

Por fim, a programação e o cerimonial foram estruturados com foco na organização da locução e na divisão de responsabilidades. Uma mulher integrante do Baque Sativa foi oficializada como responsável pelo cerimonial, dada sua experiência profissional, ficando encarregada da elaboração de roteiros que garantam a dinâmica do evento. Como estratégia de

comunicação e legitimidade, o coletivo elaborou uma nota pública para explicar a natureza colaborativa da iniciativa, fortalecendo a transparência e o engajamento com a comunidade.

Um professor vereador contribuiu para a viabilização do evento sob a premissa de que os recursos públicos pertencem ao povo; por meio desse apoio, foi possível locar dois banheiros químicos e um gradil de contenção. No que se refere à Redução de Danos (RD), embora eu não tenha participado da reunião específica devido a compromissos de orientação acadêmica, o tema foi amplamente dialogado. A orientação recebida indicou a necessidade de estabelecer um ponto de apoio à saúde, o que exigiria a pactuação com a Secretaria Municipal de Saúde ou com a Unidade Básica de Saúde (UBS) responsável pela região do Beco da Codorna. Tal articulação visa garantir práticas de Redução de Danos e oferta de suprimentos disponibilizados pelo SUS e um ponto focal para o encaminhamento de demandas, considerando que a expectativa de público supera quinhentas pessoas.

Como medida de segurança, planejou-se um cordão de isolamento para facilitar o acesso do SAMU em casos de urgência. Esses desafios foram geridos pela Liga de Blocos, que assegurou o recebimento de insumos de prevenção (preservativos, lubrificantes e autotestes para HIV), distribuídos a todos os blocos da cidade via assessoria institucional. Além disso, a equipe de segurança contou com um profissional com formação em bombeiro civil. Por fim, o evento foi estruturado com base na parceria artística e na colaboração militante.

A potência do processo de construção do Carnareggae Bloco Sativa 2026, pelo Coletivo 420/Baque Sativa, residiu no compromisso coletivo com a produção do evento, o que já sinaliza a viabilidade de planejamento para o Carnaval de 2027 (previsto para a semana de 9 de fevereiro). Ao refletir sobre a realização dessa iniciativa, percebe-se que a ação possui expressiva adesão popular e manifesta o exercício pleno de autonomia, cidadania e cuidado. Na avaliação dos integrantes, destacou-se a relevância das práticas coletivas fundamentadas no 'apoio e acolhimento' cotidiano. Esse reconhecimento do cuidado e da produção de bem-estar transparece nos relatos daqueles que valorizam a dimensão terapêutica e social da percussão popular. Tal prática de cuidado contínuo expande-se para o contexto extraordinário do Carnaval, onde a 'energia, a consonância e a harmonia' foram citadas como elementos fundamentais para a fluidez do processo, sustentado por uma equipe descrita como 'coligada, interligada, presente e comprometida'.

A estratégia de divulgação do Carnareggae Bloco Sativa 2026, promovida pelo Coletivo 420/grupo de percussão popular Baque Sativa, resultou em um crescimento contínuo

das visualizações no *Instagram*, ampliando o alcance do coletivo. Ademais, o suporte na Segurança Pública do evento revelou em certa medida o reconhecimento da importância deste coletivo. Observa-se que a prática de ocupação das ruas pelos blocos de Carnaval em Goiânia é um movimento crescente, que, neste momento, logrou reunir diversos atores da cena reggae local — desde os sistemas de som (*soundsystems*) até os artistas e produtores.

Figura 8 – Card de integração entre Baque Sativa e cena Reggae no Beco da Codorna



Fonte: Instagram @blicosativa (2026). Disponível em: . Acesso em: 13 mar. 2026

Como etapa final de sistematização, o Coletivo 420 elaborou um formulário de avaliação do evento e que foi encaminhado no grupo de WhatsApp do Coletivo 420, mas ainda está em processo de preenchimento. Este documento tem caráter de contribuição para o planejamento de futuras ações e para o fomento da comunicação popular. Além disso, valoriza os agentes envolvidos (artistas, apoiadores e equipe de produção). Diante do exposto, o formulário encerra-se com a seguinte mensagem:

O Bloco Sativa é construído na base do coletivo: cultura, rua, cuidado e compromisso com direitos humanos, respeito e acolhimento. Sua avaliação ajuda a gente manter isso vivo e crescer com responsabilidade.

Próximos passos: A equipe vai compilar os resultados e transformar os principais pontos em melhorias práticas para as próximas edições.

Se você deixou contato, a gente pode te procurar para aprofundar alguma sugestão ou devolver um retorno. Se não deixou, tá tudo certo também – valeu demais por contribuir.

Coletivo 420

4.1 Figuras de Resultado

As imagens e postagens no Instagram do Bloco Sativa cumprem três funções fundamentais na sistematização: Reconstrução Histórica e Ordenação; Interpretação Crítica e Comunicação dos Aprendizados. Elas mapeiam o Tempo Comunidade, desde a expectativa e os ensaios na Praça Universitária até a culminância do Carnareggae. Elas também registram a materialidade do evento: o palco, os instrumentos, os rostos e a ocupação do Beco da Codorna. Já o conteúdo das legendas e a estética das imagens (uso das cores verde, amarelo e vermelho que representa a unificação dos povos africanos) reforçam a identidade ativista do bloco. Por fim, as imagens das fotógrafas (@ariana_tozzatti e @coxinikoordei) consolidam a memória coletiva e legitimam a experiência perante a cidade, transformando o evento em um "saber" compartilhado sobre como fazer cultura antiproibicionista na rua.

A materialização física do projeto pode ser ilustrada com as figuras abaixo:

Figura 9 - Cenografia e territorialização do Carnareggae 2026: estandartes do Coletivo Sativa e Marcha da Maconha no palco do Beco da Codorna



Fonte: Acervo do Bloco Sativa / Fotografia de Nikoordei (2026).

A **Figura 9** apresenta o resultado visual da intersecção entre cultura e política. A disposição dos tambores e caixas em primeiro plano, ladeada pelas bandeiras que representam

as frentes de gestão e ativismo, evidencia a tecnologia de cuidado e a (re)existência discutidas anteriormente. Isso significa que o palco deixa de ser apenas uma estrutura técnica para se tornar um suporte de comunicação popular, onde a presença da bandeira da 'Marcha da Maconha' ao lado do 'Baque Sativa' reforça o caráter antiproibicionista do evento.

Figura 10 – Culminância do evento: Redução de Danos no Beco da Codorna



Fonte: Fotografia de Ariana Tozzatti. Acervo do Bloco Sativa.

A **Figura 10** captura a energia do desfile, o movimento dos integrantes e o uso do figurino oficial que destaca a performance e a coletividade presentes na prática. A figura também destaca como o **Baque Sativa**, visto em ação, retira a pauta antiproibicionista da margem e a coloca no centro da rua através da música. Podemos notar que ao fundo o banner da SouCannabis, há o reforço da interseção entre Saúde Pública, Política sobre Drogas e Cidadania. É a imagem que melhor resume o conceito de Ativismo de Paulo Raposo (2015).

Figura 11 - Práticas de Redução de Danos e material informativo



Fonte: Fotografia de Nikoordei (@coxisfotografia) (2026). Acervo do Bloco Sativa.

A **Figura 11** captura uma imagem panorâmica, que mostra a integração entre o público, o bloco e a estrutura de apoio à saúde, em tom de convergência e a comunidade. Esta foto é uma demonstração visual do impacto da experiência na Saúde Pública. A visibilidade para o banner de "Saúde e Qualidade de Vida" (Redução de Danos) dialoga com o palco do Baque Sativa no Carnareggae Bloco Sativa 2026. A imagem ilustra como a Educação Popular em Saúde acontece na prática: sem muros, na horizontalidade e no meio da festa.

A trajetória aqui sistematizada não se encerra na realização do evento, mas se desdobra em conhecimento aplicado para futuras lutas. O **percurso metodológico**, pautado na escuta e na reconstrução crítica, permitiu transformar o "fazer" do Bloco Sativa em um objeto de estudo que dialoga com as lacunas do Estado e a potência da organização popular.

Ao relacionar os dados coletados com a teoria, conclui-se que o Carnareggae 2026 foi um laboratório de (re) existência. O processo metodológico evidenciou que a horizontalidade das decisões e a autogestão financeira não foram apenas escolhas logísticas, mas atos de soberania de um grupo que, ao ocupar o centro de Goiânia, desafia a lógica da gentrificação e o estigma da cultura percussiva.

A relação intrínseca entre os eixos de ação — logística, finanças, ativismo e saúde — demonstra que a Redução de Danos é o fio condutor que atravessa o tambor e a pauta política. A sistematização prova que o Bloco Sativa opera na intersecção entre a Cultura Popular e o cuidado, reafirmando que a alegria é uma estratégia de saúde pública fundamental para o Bem Viver.

A análise demonstrou que o bloco atua como uma intervenção que articula a cultura, as artes, o cuidado, a promoção de redução de danos, e a luta política no espaço urbano. A percussão popular coletiva auxilia na promoção da saúde mental e oferece uma rede informal de atenção psicossocial.

Quadro 4 – Matriz de Impacto Socio sanitário do Bloco Sativa

Dimensão	Potencial de Mobilização	Impacto na Saúde Pública
Política sobre Drogas	Pauta o autocultivo e a descriminalização no debate público.	Diminuição do estigma e acesso a informações reais.
Espaço Público	Reclama territórios culturais (ex: Palácio da Cultura).	Promoção de saúde através do lazer e do Direito à Cidade.
Saúde Mental	Cria vínculos de solidariedade e redes de afeto.	Prevenção ao isolamento e ao sofrimento ético-político.
Ancestralidade	Valoriza ritmos afro-brasileiros e o reggae.	Perspectiva decolonial: cura pelo resgate da identidade.

Em suma, este trabalho entrega mais do que um relato de carnaval: entrega uma proposta de Educação Popular em Saúde viva, onde o corpo insurgente, ao ritmo do *reggae* e dos tambores, através dos ritmos afro-brasileiros, reivindica o Direito à Saúde Mental, à valorização da Política de Redução de Danos e o Direito à Cidade. O legado deste ciclo é a certeza de que a sistematização é, por si só, um ato de militância que preserva a memória e projeta o futuro das lutas antiproibicionistas e antimanicomiais em Goiás.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, a "tecnologia de cuidado" expressa nos ensaios rompe os muros dos Serviços de Saúde Mental e a coloca na rua. O tambor deixa de ser um objeto e passa a ser uma ferramenta de saúde mental e coletiva. A experiência evidencia que a Educação Popular em Saúde ocorre na horizontalidade das reuniões, nos processos dialógicos de construção coletiva, organização popular, debate político e na potência da batucada.

O grupo de percussão popular Baque Sativa opera o que podemos chamar de "Clínica na Rua", entendendo que saúde é um processo de produção social e, sendo assim, exige justiça social e a garantia de demais direitos, tais como o Direito à Cidade e o Direito à Cultura por meio dos ritmos ancestrais. O Carnareggae 2026 não é apenas entretenimento; é um ato de soberania popular onde a cultura é a ferramenta que cura a surdez institucional.

A sistematização da experiência do Bloco Sativa no Carnaval de 2026 permitiu transcender a mera descrição de um evento cultural e festivo para alcançar uma compreensão profunda da percussão popular como uma potente tecnologia de cuidado e estratégia de Educação Popular em Saúde. Ao percorrer os "cinco tempos" propostos por Oscar Jara (1º- A experiência de participação e registros da construção do Carnareggae Bloco Sativa 2026; 2º- As perguntas iniciais para que? O que? Como? Para definir a sistematização; 3º- A Recuperação do Processo Vivido/Descrição da experiência; 4º- As Reflexões de Fundo para análise e síntese; e 5º- Os Pontos de Chegada com as conclusões e aprendizagens), foi possível identificar que o fazer percussivo, aliado à ocupação política e afetiva das ruas de Goiânia, constitui uma resposta decolonial às iniquidades históricas e ao pânico moral que cercam as pautas antiproibicionistas.

Os resultados desta investigação demonstram que a saúde coletiva, sob a ótica da PNEPS-SUS, abarca todos os espaços de produção da vida. A vivência no Beco da Codorna e na Praça Universitária revelou que a organização horizontal de um bloco de percussão popular que atua na rua é capaz de produzir "corpos insurgentes" — sujeitos que, ao tocarem os seus tambores, reivindicam autonomia sobre si e sobre o território urbano.

Um dos principais aprendizados desta sistematização reside na confirmação de que o ativismo é uma via legítima de produção de conhecimento, de luta política e produção do cuidado. O Bloco Sativa, ao pautar o tema "*Plantas no quintal – Anvisa, legalize geral!*", não apenas realizou uma crítica institucional, mas criou um dispositivo de saúde mental e suporte social para populações frequentemente invisibilizadas. Apesar dos desafios enfrentados, tais

como a burocracia institucional e a repressão policial, o coletivo reafirmou a sua soberania e a sua capacidade de autogestão, transformando a folia numa práxis libertadora.

Portanto, este trabalho reafirma que promover saúde é, fundamentalmente, garantir o direito ao lazer, à cultura e à celebração da vida como atos políticos. A trajetória aqui sistematizada serve como evidência de que a percussão popular é dispositivo fundamental para o fortalecimento do SUS, pois opera na base da solidariedade e da alegria. Espera-se que esta experiência inspire novas práticas de Educação Popular em Saúde que reconheçam nas batucadas da rua a potência de uma transformação social amorosa, crítica e insurgente.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA). **Ao vivo: Anvisa analisa regras para cultivo da cannabis**. Brasília: Poder360, 28 jan. 2026. 1 vídeo (6h 08min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1FVO85RmjMw>. Acesso em: 12 mar. 2026.
- BLOCO SATIVA. **Perfil oficial no Instagram**. Goiânia, 2026. Disponível em: <https://www.instagram.com/blocosativa/>. Acesso em: 12 mar. 2026.
- BOAS, Franz. As limitações do método comparativo. In: CASTRO, Celso (org.). **Antropologia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 25-40. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~igor/wp-content/uploads/boas1.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2017.
- _____. Raça e progresso. In: CASTRO, Celso (org.). **Antropologia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 67-86. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~igor/wp-content/uploads/boas1.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2017.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 11-27. Disponível em: <https://apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/escritos/EDUCA%C3%87%C3%83O/CULTURA%20E%20EDUCA%C3%87%C3%83O/A%20EDUCACAO%20COMO%20CULTURA%20-%20RELATO%20DE%20MEM%C3%93RIAS%20-%20rosa%20dos%20ventos.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2026.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.html. Acesso em: 20 jan. 2026.
- BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Legislação e Políticas Públicas sobre Drogas no Brasil**. Brasília: SENAD, 2011.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013**. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS). Brasília, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761_19_11_2013.html. Acesso em: 22 jan. 2026.
- FONSECA, Cláudia. Antropólogos para quê? O campo de atuação profissional na virada do milênio. In: TRAJANO FILHO, Wilson; RIBEIRO, Gustavo Lins (orgs.). **O campo da Antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004. v. 1.
- FRAZER, James George. **O ramo de ouro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. Disponível em: <https://pibid.unespar.edu.br/noticias/paulo-freire-1970-pedagogia-do-oprimido.pdf/view>. Acesso em: 12 mar. 2026.

INGOLD, Tim. Antropologia não é etnografia. **Epilogue: “Anthropology is not Ethnography”**. In: INGOLD, Tim. *Being Alive*. Routledge: London and New York, 2011. p. 229-243. Tradução de Caio Fernando Flores Coelho e Rodrigo Ciconet Dornelles. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1862649/mod_resource/content/1/Antropologia_nao_e_etnografia_-_por_Tim_Ingold\(1\).pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1862649/mod_resource/content/1/Antropologia_nao_e_etnografia_-_por_Tim_Ingold(1).pdf). Acesso em: 8 ago. 2017.

JARA, Oscar Holliday. **Para sistematizar experiências**. Paraíba: Editora Universitária, UFPB, 1996.

KUPER, Adam. **Cultura: la versión de los antropólogos**. Barcelona: Paidós, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

_____. **Antropologia estrutural II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LIMA, Ivanilde Guedes de. **O Coró de Pau e a percussão em Goiânia: caminhos e descaminhos de uma experiência de educação musical não-formal**. (Dissertação de Mestrado em Educação). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

MACHADO, Letícia Vier; BOARINI, Maria Lúcia. Políticas Sobre Drogas no Brasil: a Estratégia de Redução de Danos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, n. 3, p. 580-595, 2013.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

MORGAN, Lewis Henri. Períodos étnicos. In: CASTRO, Celso (org.). **Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

MUNANGA, Kabengele. A antropologia brasileira diante da hegemonia ocidental e as possibilidades de aplicação da antropologia no mercado de trabalho. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 56, n. 1, p. 489-504, 2013.

OLIVEIRA, Luiz Augusto de. **Ritmos e Identidades: O Afoxé Alafin Oyó e a Reinvenção de Tradições em Goiânia**. (Tese de Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

ORTNER, Sherry B. Dark Anthropology and his others: theory since the eighties. **Hau: Journal of Ethnographic Theory**, v. 6, n. 1, 2016.

_____. Teoria na Antropologia desde os anos 60. **Mana**, v. 17, n. 2, p. 419-466, 2011.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 205-228, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/22855>. Acesso em: 12 mar. 2026.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. O método comparativo em Antropologia Social. In: MELATTI, Júlio Cezar (org.). **Radcliffe-Brown**. São Paulo: Ática, [s.d.].

RAPOSO, Paulo. "Artivismo": articulando dissidências, criando insurgências. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 4, n. 2, p. 3-12, 2015. DOI: 10.4000/cadernosaa.

REZENDE, Luiz Eduardo. **Quanto custa o remédio do meu pai?** Brasília: TV Câmara, 2018. 1 vídeo (52 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BQ24onDdML0>. Acesso em: 12 mar. 2026.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Antropologias mundiais: cosmopolíticas, poder e teoria em Antropologia. **Série Antropologia**, Brasília, v. 379, p. 1-16, 2005. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/17615>. Acesso em: 28 jul. 2017.

RIBEIRO, Gustavo Lins; FELDMAN-BIANCO, Bela (orgs.). **Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf**. Brasília: Ed. UnB; São Paulo: Imprensa Oficial; Campinas: Ed. Unicamp, 2003. p. 307-324.

RIOS, Andréa Cabral et al. Análise da Política sobre Drogas no Brasil nos anos de 2024: mudança ou manutenção? **Psicologia e Saber Social**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 45-81, 2024.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção para um novo senso comum; v. 4).

SCHMIDT, Rosana. **Sistema agroalimentar e (re)existência: "mitos", discurso político e produção acadêmica Akwẽ-Xerente**. 2022. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

SOUZA, Polyanna Aguiar. **O batuque das mulheres: trajetórias e identidades de percussionistas em Goiânia**. (Dissertação de Mestrado em Sociologia). UFG, 2018.

TYLOR, Edward Burnett. **Cultura primitiva I: los orígenes de la cultura**. Tradução de Marcial Suárez. Editorial Ayuso, 1871. Disponível em: <http://anchecata.colmich.edu.mx/janium/Tablas/tabla2612.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/ZcqxhghZk9936mxW5GRrhq/?lang=pt>. Acesso em: 12 fev. 2018.

_____. O recado da mata. In: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 11-42.

WOLF, Eric. Cultura, ideologia, poder e o futuro da antropologia. **Mana**, v. 4, n. 1, p. 153-163, 1998.

APÊNDICE A – CARTA A PAULO FREIRE

Masília, 28 de Março de 2025.

Querido professor Paulo Freire,

Espero que esta carta te encontre bem e com saúde! Estou feliz em saber que o senhor / você deixou um legado de grande valor para nosso bem-viver. Esta carta é para te contar que suas palavras e ações reverberam como sementes que brotam em terra fértil. E por isso quero te agradecer por ter mostrado coragem de se expor em palavras e atitudes que nos fazem espe-
rançar a Educação Popular e com as
pessoas que buscam uma transformação
social neste Brasil de culturas diversas.

Eu tenho muito a aprender sobre a Educação Popular, encontrei diversos atores sociais hoje na Escola de Governo da Fieoz, estamos pensando, dialogando sobre seu pensamento, voltado para as questões de saúde. Certamente o senhor/você ficaria muito feliz em conhecer o trabalho que tem sido feito de acordo com seu compromisso ético, político e pedagógico. Por aqui, vamos juntos em busca de uma "prática nos nossos campos de atuação e, certamente, vai brilhar ^{mais} cidadania e transformação social pra nós.

Profesor, muito obrigada por tantos en-
camantos! Que a amizade seja cultivada.

Sobre a obra

Este trabalho apresenta a sistematização da experiência vivenciada com o Bloco Sativa durante o Carnaval de 2026, em Goiânia, sob a ótica da Educação Popular em Saúde. A pesquisa analisa como a percussão popular e as manifestações culturais de rua podem atuar como dispositivos de promoção da saúde, participação social, redução de danos e fortalecimento de redes de cuidado no território.

A partir da experiência do Baque Sativa e do Coletivo 420, a autora demonstra que o Carnareggae ultrapassa a dimensão festiva e se afirma como prática de cuidado coletivo, ativismo, autonomia e ocupação do espaço público.



Sobre a autora

Rosana Schmidt é doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (2022), mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (2011), especialista em Educação Popular em Saúde pela Escola de Governo da Fiocruz (2026) e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (2007).

Desenvolveu pesquisa no projeto “Gênero, Subjetividade e Saúde Mental”, com foco no mapeamento das políticas públicas, do ativismo político e das experiências sociais em torno do tema gênero e saúde mental. Desenvolveu pesquisa de mestrado e doutorado junto ao povo Xerente - TO, com enfoque no sistema alimentar tradicional e no discurso de (re)existência frente à problemática socioambiental vigente. Atua como professora, pesquisadora e consultora.